

Blateau — Agricult

1
(2)
3
8

1
(a)
3
8

Q

Est.

185.



INSTRUCÇAM
SOBRE A CULTURA
DAS AMOREIRAS,

e criação dos Bichos da Seda

DIRIGIDA

A' conservação, e augmento das
manufacturas da Seda,

E DEDICADA A EL-REY

D. PEDRO II.

QUANDO PRINCEPE REGENTE,

Que as estabedeceu.

E com os novos Privilegios conce-
didos por

EL-REY

D. JOSE I.

NOSSO SENHOR.

AUTOR

D. R. B.



COIMBRA:

Na Real Imprensa da Universidade An. de 1769

Com as licenças necessarias,



INSTRUCAM

SORSE A CULTURA

DAS AMORÉIAS

e ataque das fíchas da boca

DIRIGIDA

Ao Conselho de Instrução do Governo das

Provincias da Bahia

A DELEGADA A EL-REY

D. PEDRO II.

GRANDE PRINCEPE RECENTE

Que se elevou ao trono

E com os honrosos Privilegios concessos

lhes por

EL-REY

D. JOSE I.

NOSSO SENHOR

AUTOR

1810

D. R. B.



OLIMBRA

The Real University of Bahia, Bahia, 1810

Com a licença do Sr. Governador

OLIMBRA

MARAVILHOZA
INDUSTRIA

Para cada hum dos Portuguezes
facilmente se fazer mui-
to rico em pouco
tempo.

A Bre os olhos Amigo Leitor, e adverte bem no tezouro, que agora as mãos te occupa escondido neste pequeno volume. Rogote para teu bem, que o não desprezes antes de o comprehender todo. Depois de o leres com vagar, e sem paixão conhecerás, que nelle te offerece a fortuna hum caminho entre todos o mais certo, e seguro para decentemente alcançares copiozas riquezas em poucos annos, (vid. fol. 57 * e 67 *) sem gastos concideraveis, e com moderado, e divertido trabalho, (vid. fol. 55 * 65 * e 66 *) que não dura mais de dois mezes em cada anno. (ibi *)

Resolvete pois á pratica desta facil, e importantissima empreza, a que ate o mesmo Suberano se digna convidarte pelo augmento que della justamente te concidera, e que certamente te dezeja, prevenindo-te com os amplos privilegios, que neste livro encontrás.

VALE.

AO PRINCIPE
NOSSO SENHOR.



SENHOR.

SIGO o discreto dictame de Parizatis Rainha da Persia, que costumava dizer, que com os Principes não se ba de falar, senão com palavras de se-
A da.

2 DEDICATORIA.

da. Palavras de seda são as que digo a V. ALTEZA, não só pela sumiçãõ com que falo, mas tambem pela materia de que trato. A materia deste livro he a cultura das Amoreiras, ordenada á criaçãõ dos Bichos da seda, (artificiozo thezouro das mais opulentas Monarchias) porque de todas as utilidades, que a industria, e trabalho dos homens pôde grangiar, nenbuma se iguala á cultura desta planta, e á criaçãõ destes insectos.

Duas são as fontes de todas as riquezas dos Imperios, a natureza, e a arte; a natureza nas minas, e a arte nas manufacturas; com esta differença, que as riquezas q̄ se encerraõ nos erarios da natureza, não se alcançaõ senão com os grandes dispendios, e trabalhos, comque se abrem as entranhas da terra, se revolvem os elementos, e se perturba o antigo silencio dos mais profundos abismos, para delles se tirarem os metaes gerados com as fecundas influencias dos Planetas; mas com

muito menor gasto , e trabalho se conseguem as riquezas , que por meio das artes se procuraõ ; e sendo a arte da seda a mais lucrativa de todas as artes , muito deve Portugal ao cuidado , e generosa liberalidade , com que V. A. sollicita a introdução desta arte no seu Reyno , que como advertio Plutarco no segundo livro das virtudes de Alexandre , do mesmo modo , que as plantas frutificaõ com a clemencia dos ares , assim florecem as artes com a munificencia dos Principes.

Em todas as histórias antigas , e modernas celebra a fama o zelo , com que os Reys , e Emperadores sollicitaõ a introdução das sciencias , e das artes , que elles conbeceraõ proveitozas para a conservação , e augmento dos seus Estados : em hum Principe pois taõ proveitoso como V. A. não podia faltar huma taõ illustre excellencia para o estabelecimento desta arte taõ nobre , e taõ util ao Reyno ; quanto mais , que para a execuçaõ desta grande em-

preza tem V. A. diante dos olhos os exemplos dos maiores Potentados da Azia, e da Europa.

A cultura, e criação dos Bichos da seda se não conheceo na Europa até o anno de setecentos da Redempção do mundo, no qual dous Monges vindos da Persia, ou da China, troxeraõ a Constantinopla a semente dos Bichos, e mostrarão á curiosidade daquella Corte o admiravel, e quazi mysteriozo processo da vida daquelle Bicho, que nasce quando as Amoreiras começã a cobrir-se de folha, se sustenta della menos de dous mezes, até se cerrar dentro em hum cazulo, que fórma de si mesmo, architecto, e hospede do seu apozento, donde com prerogativas de Fenix, sabe borboleta a gerar a semente, que se guarda sem nenhum cuidado, até se tornar a animar nos primeiros alentos da Primavera.

Foi-se introduzindo a criação deste prodigioso insecto na Grecia, pelas ordens do Emperador Justiniano, mas não pas-

passou ás mais Provincias da Europa, porque Italia occupada de nações barbaras, tinha naquelle tempo perdida a antiga policia, e França, e Hespanha estavaõ padecendo as rusticas opressões do mesmo jugo.

Estava esta arte taõ valida na Azia, que os dous maiores Reynos della, os mais polidos, e melhor governados, a saber a China, e a Persia, deviaõ já entaõ, e devem hoje a maior parte da sua opulencia á criaçaõ dos Bichos, e á arte da seda.

Na China se tem por certo, que se achou esta produçaõ, e da China se repartio por todo o Oriente; toda a prata do Japaoõ passa á China a troco da seda, e hoje passa humma grande parte da prata do Potossi pelas Filipinas áquelle grande Imperio pelas sedas, que delle navegaõ os Castelhanos á America.

A Persia mete na India a troco de prata, e ouro, casilas riquissimas de seda, e por Alepo manda continuamente

te aos Septentrionaes casilas de seda, q̄ carregão as nações do Norte, em Alexandreta, e Esmirna nas muitas fro-
tas que sabemos; de sorte que os dous
maiores Imperios da Azia devem a sua
grandeza a esta rica cultura.

Os Arabes, depois que occuparaõ a
Persia, passaraõ esta arte ás mais Pro-
vincias que dominaraõ, á Scitia, e a to-
da a Azia menor; por elles passou a
Hespanha, e se cultivou em Granada,
donde sabia a melhor seda, que se co-
nhecia em Europa, e elles levavaõ esta
cultura a Sicilia, aonde ficou depois q̄
foraõ lançados daquella Ilha, e dalli se
cõmunicou a toda a Italia.

Em Sicilia, e principalmente em
Messina, se cultivava com tanta abun-
dancia, que naquella Cidade metem os
Estrangeiros só pela seda em rama,
mais de hum milhaõ e meio de pata-
cas todos os annos; e assim a nobreza
daquella Cidade, como a de Napoles,
Bolonha, Florença, e outras muitas da
Italia devem a sua subsistencia a esta
cul-

cultura; porque assim como em Portugal a Nobreza vai ao campo ás vindimas, e ao recolher da azeitona, vão lá á criação dos Bichos, q̄ fazem com menor despeza, e trabalho, e com lucro incomparavelmente maior.

Faltava esta cultura a França, aonde Henrique IV. depois de conseguida a paz, quis por este meio introduzir abundancia: ordenou-se huma Junta, q̄ só se applicasse aos meios desta instrução, primeiro na cultura das Amoreiras, e logo na criação dos Bichos: as palavras do Decreto, comque se passarão as ordens aos 13. de Outubro de 1602. são as seguintes: ElRey no seu Conselho, que a introdução das sedas nas terras da sua obediencia, he o mais conveniente remedio para evitar a sahida, que todos os annos se faz, de quatro milhoões de ouro a terras estrangeiras para a compra das sedas, por ser conveniente esta introdução ao decoro publico, á occupação, e riqueza dos Povos do seu Rey-

Reyno, depois de ouvir os Comissarios, e ver a experiencia, e conhecer por estas a facilidade, e utilidade que virá a nossos subditos &c.

França hoje, entre as gloriosas acções de seu Rey, conta esta por huma das mais singulares, por ser hum dos maiores fundamentos da sua riqueza; e suposto que nem todo o Reyno he capaz de produzir a seda, he o tracto cõmum, e a occupação geral das tres Provincias, Languedoc, Provença, e Delfinado, da Cidade de Trus. Em todas estas Provincias cresceo o numero das cazas, e dos habitadores, e se applicaraõ os Francezes de sorte na fabrica das sedas, que não lhe bastando a que trabalhaõ, mandaõ frotas a Italia, e Esmirna a buscar seda para trabalharem, que depois em obra repartem por toda Europa.

*A vista desta utilidade se applicaraõ no Piemonte a esta cultura, e hoje tem seda para venderem aos Francezes em rama, e para muitas fabricas, q̄
tem*

tem excellentes veludos, e damascos.

Não necessita V. A. destes exemplos para se animar á execuçaõ de huma semelhante empreza, que a rezaõ de Estado, o zelo dos Ministros, e o mesmo ceo favorece com a benignidade do clima, comque fez ao Reyno de Portugal mais capaz, que todos os da Europa, para produzir a seda.

A produçaõ das Amoreiras, e a criaçaõ dos Bichos da seda haõ mister clima temperado, e daqui nasce, que entre os Tropicos, e fora de quarenta e cinco grãos ao Norte se não faz esta criaçaõ, e se em algumas partes se faz, he com grande trabalho, e com pouco fruto. Depois de vinte e cinco grãos até quarenta e cinco se dá com abundancia esta produçaõ; e daqui vem a abundancia da Persia, que tem as melhores Provincias nesta altura, como tambem da China na Provincia de Nanchim, e nas mais q̄ correm de vinte e cinco até quarenta e cinco grãos ao Norte, em toda esta distancia as Provincias

cias que estão no meio das duas extremidades, mais distantes do frio de quarenta e cinco grãos, e da calma de vinte e cinco, são as mais benignas, e as mais abundantes na criação dos Bichos.

Portugal, começando na foz do Guadiana, até a foz do Minho, está situado de trinta e sete grãos até quarenta e dous, na mesma altura que Granada, Murcia, e Messina, e Reyno de Naples, de Alepo, da Persia, e da Provincia de Nanchim na China, que são as partes do Mundo q̄ melhor produzem a seda, e com menos cuidado, e trabalho se dão, e se criaõ os Bichos; donde se segue, que produzirá Portugal com abundancia esta excellente materia.

Fá desde muitos annos a experiençia o tem mostrado, assim na Provincia de Tras-osmontes, sem embargo de q̄ he a parte mais septentrional deste Reyno; e daqui se pôde colher, o que será nas Provincias mais chegadas ao Meiodia, principalmente em Alemtejo, Algarve, e Estremadura; e já de dous an-

nos a esta parte se tem experimentado esta verdade nesta Corte de V. A., que tem o mais benigno, e temperado ceo, que se conhece na Europa; porque a seda que se tem tirado dos Bichos, que se criaraõ nas cazas em q̃ se deo principio ás manufacturas, he mais forte, mais fina, e vende mais que a melhor seda de Italia.

Suposto isto, se Portugal tiver (como facilmente póde ter) sedas em abundancia, terá hum fruto, que não póde ter baixa, nem falta de saca; porque como as Nações estrangeiras não podem criar seda nas suas terras, necessariamente a haõde ir buscar ás Provincias onde se cria; e se se criar em Portugal com a quantidade que póde, viraõ carregar as suas Náos a Lisboa, antes que a Messina, Alexandreta, Esmirna, achando tanta mais conta na seda de Portugal pela sua bondade, como pelo pouco custo que faraõ com huma navegaçaõ breve de quatro, e seis mezes menos, e menos gastos de combois,

e riscos de Piratas, e terá este Reyno que lhe dar a troco das drogas, e fazendas que meterem nelle, succedendo a Portugal o que a França, que lançando quatro milhoës de si antes de cultivar, e lavrar a seda, hoje recebe muitos milhoës pela que lavra, que he em tanta copia, que não tem, nem produz em si a quarta parte da que ha miſter para as suas manufacturas.

A estas verdades, tão claras como o sol, se oppozeraõ mrvens de contrariedade; e sendo as manufacturas da seda uteis a todos os Reynos, pertenderaõ alguns provar, que a Portugal são perniciozas estas manufacturas.

A diversidade das opinioës de ordinario se origina dos varios fantasmas da propria conveniencia; e do mesmo modo que cada Planeta luz com sua propria cor distincta, assim a maior parte dos homens buscaõ luzimentos com a cor, q̃ daõ aos seus proprios interesses; mas porque as cores que se vem no ar nem sempre são intrinsecas, e

ver-

verdadeiras, mas só superficiaes, e apparentes aos olhos dos mais perspicazes Ministros de V. A., parecerão aerias, e fantásticas as cores, comque estes quimericos estadistas pertenderão vestir a fallacia dos seus argumentos.

A mais forçosa razão de que se quizerão valer, foi, que prohibindo-se neste Reyno (como será preciso depois do perfeito estabelecimento das manufacturas da seda) todas as sedas dos Reynos estrangeiros, infalivelmente faltaria a saca das drogas do Brazil, com manifesta destruição do comércio, que até agora se sustentou pela continua entrada, e sabida do assucar, e do tabaco.

Similhante objeção a esta se fez aos Ministros de El Rey Christianissimo, quando por ordem daquela Magestade foram prohibidas em França as manufacturas dos outros Reynos; porque com zelozza ignorancia lhe foi representado, que os Inglezes, e Holandezes não virião mais buscar a França os vi-

vinhos , nem os trigos , comque todos os annos carregavaõ suas frotas ; mas deu a experiencia a conhecer a futilidade desta objecão ; porque no tempo , que a tranquillidade da paz deixa livre o cômercio destas naçoës , não cessão os Inglezes , e Holandezes de carregar infinitas embarcaçoës com os vinhos , e trigos de França.

A indigencia , e a necessidade são os fundamentos da uniaõ , e sociedade humana , e foi effeito da Divina Providencia , que algumas terras carecessem dos mantimentos , e regalos de que outras abundaõ , paraque com os vinculos do cômercio se unissem os habitantes das mais remotas regioës do Mundo : logo he taõ infalivel o cômercio da Europa com o Brazil , que de duas humas ; ou quererá a Europa passar-se de assucar , que he o mais delicioso mimo da terra , e abster-se do tabaco , q̃ he o mais atractivo feitiço da natureza ; ou com huma prodigioza mudança dos ares , e sobrenatural melhora dos cli-

climas, se fará a Europa capaz de produzir o q̃ até agora não produzio desde o principio do mundo, senão em algumas partes do Reyno de Sicilia, e em tão pequena quantidade, que não sei se he suficiente para prover a metade de Italia.

O assucar pois das Barbadas (Ilhas da America) he muito inferior ao do Brazil na quantidade, e qualidade; e porque em todos os Emporios do Mundo as drogas mais finas são as mais appetecidas, sempre o assucar do Brazil tem sobre todos os mais huma incontrastavel preferencia, verdade tão certa, que hum dos mais celebres Historiadores deste seculo escreveu há mais de secenta annos, que não só a venda do assucar do Brazil he infallivel, mas que tambem he certissimo o lucro desta venda.

Com outra razão tão futil como a primeira, condena o apparente zelo de alguns o estabelecimento das manufacturas das sedas neste Reydo, e he, q̃
ces-

cessando nas Alfandegas os direitos q̃ se pagão da entrada das sedas estrangeiras, não haverá dinheiro com que pagar os filhos da folha.

Mais facilmente remediará V. A. este inconveniente com os direitos, que se pagarem a V. A. de toda a seda que se fabricar no seu Reyno, dando-se a V. A. hum tanto por cada arratel, conforme se pãga a El Rey de Castella, e se se plantarem neste Reyno cinco, ou seis milhoës de Amoreiras, daqui a poucos annos haverá taõ grande abundancia de seda, que os direitos da que se fabricar no Reyno, e suas Conquistas, com os da que se repartirá com os Reynos estrangeiros, emportarão humma excessivamente maior summa de dinheiro, que a que hoje se tira de todos os direitos da Alfandega.

Tem os Ministros de V. A. ponderado estas razoes em madura prudencia; e porque os bons principios são o presagio das venturas que se seguem no felice exordio desta empresa todos
estão

estão prevendo publica utilidade dos futuros progressos.

A Vossa Alteza pois, como suprema intelligencia, que move, e regula os orbes da sua Monarchia, agradece esta era e successivamente agradecerá a posteridade os vituriosos impulsos desta glorioza determinação.

Huma das maiores felicidades de hum Reino, he que o Rei se enriqueça sem empobrecer os Povos; com as manufacturas da seda procura V. A. este bem cõmum, como verdadeiro Pay dos seus vassallos, e quererá o ceo, que no Reynado de V. A. logrem os Portuguezes em realidade as ditas, que os Poetas fabulozamente attribuião ao seu seculo dourado.

Assim espero, e peço a V. A. queira aceitar com agrado este pequeno trabalho, que entre os estudos mais serios, e proprios da minha profiçãõ, tomei por se me significar da parte de V. A. o gosto que teria de ver esta materia praticada em lingua Portugueza, pela gran-

de utilidade q̄ della rezultaria ao Reyno, não esperando eu do disvelo com q̄ dezejo de me empregar em tudo o que toca ao serviço de V. A., outro premio, q̄ o ver effeituado os tão proveitozos documentos, q̄ neste livrinho se encerraõ.

Aos dous Religiozos q̄ primeiro mostraraõ na Corte de Constantinopla os prodigiosos segredos da natureza na criaçaõ dos Bichos da seda, fez o Emperador Justiniano consideraveis merces de prezente, prometendo-lhe outras maiores para o futuro: e para mim as maiores, q̄ poderei receber da Real grandeza de V. A. seraõ as da sua benevolencia, e protecçaõ, junta com o conhecimento, de que aindaque Estrangeiro no sangue, sou Portuguez no amor, e se a Inglaterra devo o nascimento, a França a criaçaõ, e a Italia o habito da Sagrada Religiaõ que professo, em Portugal devo á summa piedade de V. A. tão singulares beneficios, que em demonstraçaõ do meu agradecimento dezejo de vencer todos os vassallos de V.

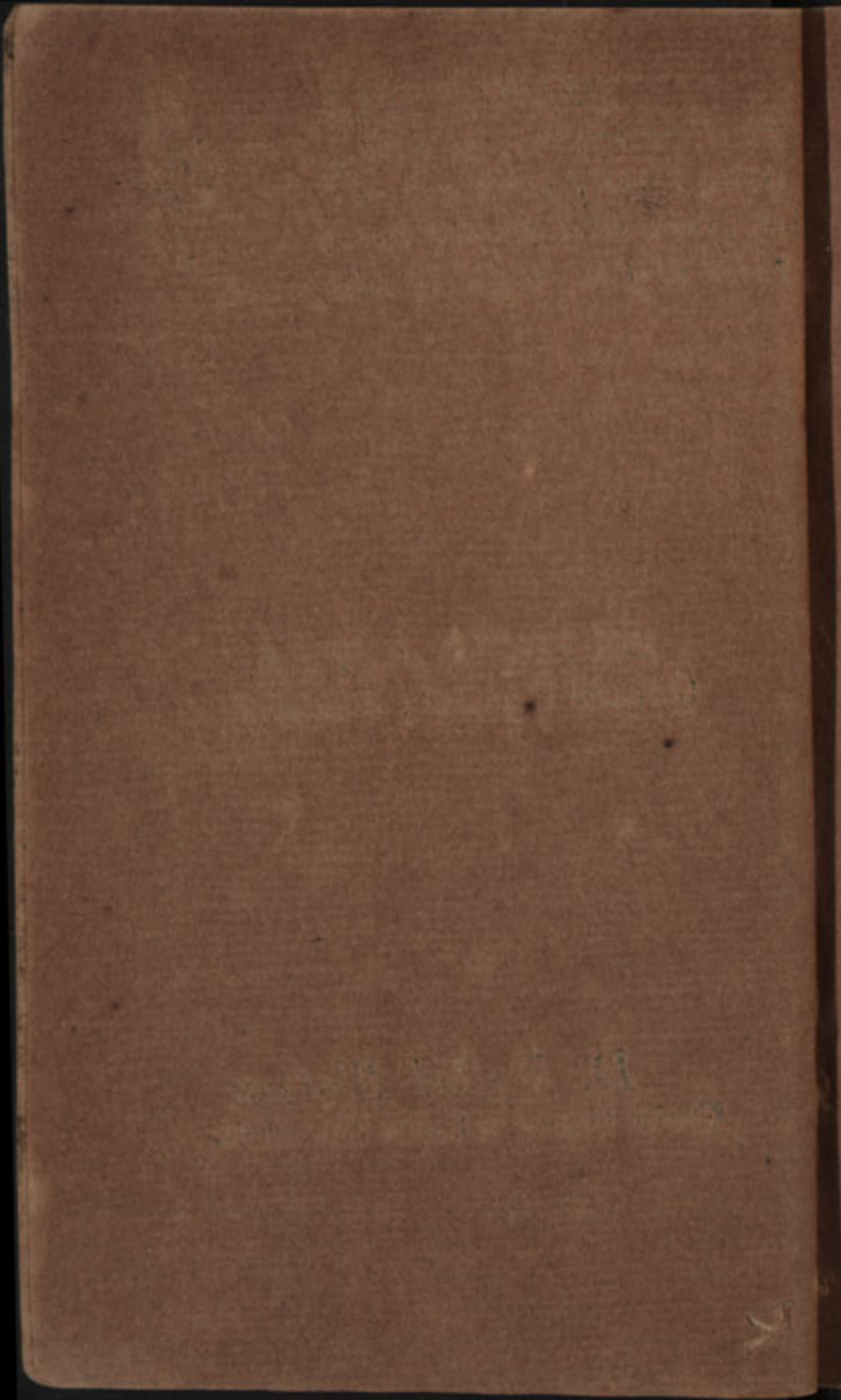
DEDICATORIA.

19

V. A. no affecto , no zelo , e no obsequio. Deos guarde a Real Pessoa de V. A. , como estes Reynos haõ de mister , e todos os seus vassallos dezejamos.

DE VOSSA ALTEZA
O menor Capellaõ , e Orador

D. Rafael Bluteau
Clerigo Regular da Divina Providencia.



PRIVILEGIOS

*De El Rey D. JOZE I.
Nosso Senhor.*

LEY.

DOm José por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves d'aquem, e d'alem mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, navegação, comércio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. Faço saber aos que esta Ley virem, que tendo consideração á utilidade publica, que resulta de se cultivar nos meus Dominios toda a seda, que elles podem produzir em beneficio da manufactura deste genero, que houve por bem mandar conservar, e ao interesse, que ao bem cômum se póde seguir, de que se augmente a sobre-dita Fabrica: Hei por bem ordenar, que todas as pessoas, que lavrarem dés arrateis de seda em ra-
ma

ma, ou d'ahi para cima, a possaõ livremente vender, sem que della, e da terra, em que voluntariamente houverem plantado tantas Amoreiras, q̃ produzaõ pelo menos a dita quantidade de seda, sendo huma só terra, paguem siza, dizima, portagem, quatro, e meio por cento, nem outro algum Tributo velho, ou novo, assim nas Alfandegas, como fóra dellas. As pessoas que lavrarem huma arroba de seda em rama, ou d'ahi para cima, e seus filhos, e familiares, que occuparem na dita cultura, gozaraõ, além da referida izençaõ, dos Privilegios, que pela Ordenação do Livro segundo, titulo cincoenta e oito, saõ concedidos aos Cazeiros encabeçados dos Fidalgos; (*) sendo tambem escuzos de servirem contra suas vontades nas Companhias das Ordenanças, dos Auxiliares, ou ainda pagas, posto que seja em tempo de guerra, que Deos naõ permita. Os que lavrarem tres arrobas

(*) Vaõ ao fim desta Ley. de

de seda, e d'ahi para cima, se forem mecanicos, ficarão habilitados nas suas pessoas, e nas de seus filhos, e descendentes, para servirem todos os empregos das Cidades, e Villas do Reyno que requerem nobreza; e se forem nobres, poderão recorrer a Mim, que lhes farei mercês proporcionadas á utilidade publica, q̃ considerar nos seus serviços, acrescentando as suas nobrezas. E os que lavrarem menos de dês arrateis de seda em rama, em qualquer quantidade q̃ seja sempre a poderão vender livre de Direitos do referido genero, posto que não gozem das mais franquezas affima ordenadas.

Estes Privilegios lhes guardarão inteiramente todos os Ministros da Justiça, Fazenda, e Guerra, de meus Reinos, e será Conservador delles o Ministro, que for da dita Fabrica da seda na Cidade de Lisboa, e nas Provincias os Corregedores das Comarcas, procedendo contra quem

quem os quebrantar do mesmo modo que pela Ordenação Livro segundo, titulo cinquenta e nove, paragrafo quatorze procede o Corregedor da Corte contra os que quebrantaõ, ou naõ guardaõ os Privilegios dos Dezembargadores. Porém para que estes Privilegios lhes compitaõ, fará cada hum dos Lavradores de feda tomar razaõ, e registo na Camara respectiva em hum livro numerado, e rubricado, que para este effeito mando que haja, de todas as Amoreiras que tiver, e da feda que cada hum anno lavrar da sua cultura, para se conhecer a quantidade a que chega, e com certidões authenticas dos Vereadores, e Escrivães das Camaras, porque conste do pezo da feda, apuradas pelos Corregedores das Comarcas, se lhes guardarão os respectivos Privilegios, que lhes são concedidos nesta Ley: Bem entendido, que todos os concedidos aos Lavradores de menor quantidade, e

e pezo, competem aos de quantidade maior; e não pelo contrario. Os mesmos Escrivães das Camaras dos districtos passarão guias assignadas pelos Vereadores de todas as sedas, que delles sahirem para a Cidade de Lisboa, ou para outra qualquer terra do Reyno, declarando nellas se vem por conta dos mesmos Lavradores, ou se vem já compradas, e por quem; para assim gozarem da liberdade dos Direitos q̃ nesta Ley lhe vai concedida, e para se evitarem os descaminhos deste genero. E achando-se nas Alfandegas, e Cazas, em que se dá entrada, menos seda do que aquella que consta das referidas guias, se reputará descaminhada a que faltar, para ser perdido o valor della a favor do Hospital Real de todos os Santos. E sou servido ordenar, que da publicação desta Ley em diante não possa mais sair deste Reyno para fóra seda alguma em rama, fio, cazu-
lo,

lo, ou de outra qualquer sorte que seja, antes de ser tecida, ou lavrada: e isto, ou a dita seda seja creada neste Reyno, ou nelle introduzida. E naõ sómente se lhe naõ dará nas Alfandegas despacho de sahida, mas toda a que for achada para sahir por contrabando, e as bestas, ou carriages, em que for, seráo tomadas por perdidas a favor dos Denunciantes.

Pelo que mando a todos os Tribunaes, Ministros, e Officiaes de Justiça, Fazenda, e Guerra de meus Reynos, e Senhorios, cumpraõ, e guardem inteiraméte esta Ley, como nella se declara. E ao Dezembargador Francisco Luis da Cũha de Ataide do meu Conselho, e Chanceller Mór dos meus Reynos mando, que a faça publicar na Chancellaria Mór, e a mande imprimir, e remeter naõ só para as Comarcas do Reyno na fórma costumada, mas tambem a todas as Camaras das Villas, para nel-
las

las se observar, remetendo tambem ao Conselho da Fazenda, quantas forem necessarias para este Tribunal distribuir pelas Estações, e Cazas suas subalternas; e se registará tambem no Dezembargo do Paço, Caza da Suplicação, e Relação do Porto; e a propria se lançará na Torre do Tombo. Salvaterra de Magos em vinte de Fevereiro de mil, setecentos, e cincoenta e dous.

R E Y.

Titulo 58. do Livro segundo das Ordenações. Dos privilegios concedidos aos Fidalgos para seus Lavradores, moradores, cazeiros, e criados.

M Andamos, que nas Cartas dos Privilegios, que por Nós forem dados a alguns de nosso Conselho, ou Fidalgos, se ponhaõ estas clauzulas: Que todos seus Lavradores
res

res encabeçados em suas herdades, e os cazeiros de suas cazas, e quintas, e seus mórdomos, e criados, que com elles continuamente viverem, e os servirem sem engano, nem malicia, sejaõ escuzos de pagarem empeitas, fintas, talhas, pedidos, serviços, emprestimos, ou outros alguns encargos, que por os Conselhos, ou Lugares, onde forem moradores, forem lançados; nem sejaõ constrangidos a hir com prezos, nem com dinheiros; nem sejaõ Tutores, nem Curadores, salvo, se as Tutorias, ou Curadorias forem legitimas; nem hajaõ officios do Conselho, salvo, se forem cada hum dos Officios de Juis, Curador, Procurador do Concelho, Almotacé, e Depositario do Cofre dos Orfãos; nem pouzem em suas cazas de morada, adegas, nem estrebarias; nem lhes tomem seu paõ, vinho, roupa, palha, cevada, lenha, galinhas, gados, bestas de sella, nem d'albarda, salvo, se as trouxerem ao

ga-

ganho, porque em tal cazo não devem ser escuzas; nem lhes tomem seus bois, carros, carretas, nem outras couzas do seu uzo contra suas vontades; &c.

DECRETO.

S Endo-nos presente que na Alfandega de Lisboa se duvida Sellar livres de Direitos de entrada as peffas de Seda, que se fabricaõ nas manufacturas destes Reinos, cujo adiantamento he taõ util para o bem cõmum de meus Vassallos, dando a huns os meios mais proprios para adiantarem õs seus cabedaes, e a outros louvaveis exercicios para viverem do honesto trabalho das suas mãos, que de outra sorte estariaõ na ociozidade, de que procedem os vicios que infestaõ os Estados:

Hei por bem, que todas as peffas de seda, que forem fabricadas nestes Reynos, apresentando os Fabri-

bri-

bricantes dellas certidaõ passada por Ordem da Junta do Comercio, pela qual conste, que as referidas peßas de seda saõ com effeito fabricadas nestes Reinos, e que saõ as mesmas identicas que nellas se houverem fabricado, sejaõ prontamente selladas com o Sello da referida Alfandega, sem pagarem outro direito ou emolumento, que naõ seja o da pequena despeza da imposiçaõ do mesmo Sello; e sem mais diligencia, ou verificaçaõ que a da sobredita certidaõ expedida por Ordem da Junta do Comercio: o Concelho da Fazenda o tenha assim entendido, e faça expedir os despachos necessarios para assim se executar, naõ obstante quaesquer Regimentos, Foraes, Leis, Disposiçoens, ou costumes contrarios. Belem a dois de Abril de mil setecentos e cincoenta e sete.

Com Rubrica de Sua Magestade.

AL

D E C R E T O.

P Or Decreto de dous de Abril do corrente anno, que baixou ao Conselho da Fazenda, fui servido rezolver, que todas as peças de seda, que fossem fabricadas nestes Reynos, constando plenamente que o eraõ, se sellassem na Alfandega, onde não pagariaõ direito, ou emolumento, que não fosse o da pequena despeza da impozicaõ do mesmo Sello. E attendendo ao que em consulta da Junta do Comercio deste Reyno, e seus Dominios me representaraõ outros Fabricantes de Fitas, Passamanes, Galoens, Lenços, Cintas, e toda a mais obra de seda, que pertendem outra igual liberdade; e querendo animar as ditas Fabricas, e favorecer aos meus fieis Vassallos, que nellas se empregãõ com notoria utilidade do publico: Hei por bem declarar, que a minha
Re-

Real determinação do dito Decreto de dous de Abril deste anno, he comprehensiva de toda a forte de tecidos de seda fabricados no Reyno, verificando-se que o são com as certidões declaradas no primeiro Decreto. O mesmo Conselho da Fazenda o tenha assim entendido; e faça expedir os despachos necessarios, para assim se executar; não obstantes quaesquer Regimentos, Foraes, Disposições, ou costumes contrarios. Belem, a vinte e quatro de Outubro de mil sete centos cincoenta e sete.

Com Rubrica de Sua Magestade.

A L V A R A'.

E U El-Rey faço saber aos que este Alvará de declaração virem, que querendo animar as Fabricas das sedas, estabelecidas nestes Reynos, e favorecer aos meus fieis
 Vaf-

Vassallos, que nellas se empregão com utilidade do publico; Fui servido ordenar por meus Reaes Decretos de dois de Abril de mil setecentos cincoenta e sete, e de vinte e quatro de Outubro do mesmo anno, dirigidos ao Concelho da minha fazenda, que todas as peffas de Seda, Fitas, Passamanes, Galoens, Lenços, Cintas, e todas as mais obras de seda, que se fabricaõ nas manufacturas destes Reynos, constando plenamente que o eraõ, se sellassem na Alfandega, sem pagarem algum direito, ou emolumento, que naõ fosse o da pequena despeza da impozicaõ do mesmo Sello: e sendo-me presente que na Alfandega da Cidade do Porto se está praticando a cobrança de tres reis por peffa, alem dos quatro reis permitidos pela impozicaõ do Sello; com o fundamento que os referidos tres reis foraõ concedidos aos Guardas por Alvará de vinte e quatro de Março, de mil

e seis centos, e noventa e cinco: Hei por bem ordenar, que os sobreditos meus Reaes Decretos de dois de Abril de mil sete centos e cincoenta e sete, e de vinte e quatro de Outubro do mesmo anno, sejaõ inviolavelmente observados, como nelles se contêm e naõ obstante o Alvará de vinte e quatro de Março de mil seis centos noventa e cinco, que hei por derogado, em quanto possa ser contrario aos sobreditos Decretos.

Pelo que mando á Meza do De-
zembargo do Paço, ao Concelho da
Fazenda, e do Ultramar, á Meza
da Conciencia e Ordens, á Caza da
Supplicação, ao Senado da Camara,
ao Governador da Relação, e Caza
do Porto, á Junta do Comercio de-
stes Reynos, e seus Dominios, aos
Dezembargadores, Corregedores,
Juizes, e Justiças, e mais Officiaes, e
Pessoas, a quem o conhecimento deste
Alvará pertencer, o cumpraõ e guar-
dem, e o façaõ cumprir, e guardar

taõ inteiramente como nelle se con-
tèm, naõ obstantes quaesquer Re-
gimentos, Leis, Foraes, Ordens, ou
Estatutos contrarios, que todos hei
por derogados para este effeito só-
mente, ficando aliás sempre em seu
vigor: e valerá como Carta passada
pela Chancelaria, posto q̃ por ella naõ
ha de passar, e o seu effeito haja de
durar mais de hum anno, sem em-
bargo das Ordenações do Livro se-
gundo, titulo trinta e nove, e qua-
renta, em contrario: Registrando-se
em todos os lugares, onde se costu-
maõ registrar semelhantes Leis: E
mandando-se o Original para a Tor-
re do Tombo. Dada no Palacio de
Nossa Senhora da Ajuda aos trinta
de Abril de mil sete centos e ses-
senta.

R E Y.

ALVARÁ.

EU El-Rey faço saber aos que este Alvará virem, q̄ pela Junta do Comercio destes Reinos, e seus Dominios me representaraõ alguns dos Fabricantes de sedas da Cidade do Porto, que havendo estabelecido os seus Teares em cazas alugadas, os inquietavaõ, e pertendiaõ expulsar dellas outros alugadores, com o titulo de alguns Privilegios, de que se lhe seguia muito consideravel prejuizo, obrigando-os a despejar as cazas depois de armada a fabrica das suas officinas; pedindo-me lhes concedesse a graça do Privilegio da Apozentadoria passiva para todos os fabricantes das mesmas manufacturas. E sendo o objeto que moveo a minha Real grandeza, e Paternal providencia o aumento destas utilissimas fabricas em beneficio dos meus fieis Vassallos, de que naõ só devem gozar

zar os fabricantes da Cidade de Lisboa e feu Termo, aos quaes pelo Paragrafo decimo dos Estatutos da Real fabrica das Sedas, fui servido conceder o referido Privilegio; mas tambem aos da Cidade do Porto, e de todas as Provincias: Hei por bem declarar, que todos os Fabricantes de sedas, em cujas officinas se acharem dois Teares ao menos, sejaõ Privilegiados com a Apozentadoria passiva para effeito de não serem expulsos das cazas alugadas, em que houverem estabelecidos os referidos Teares; cujo Privilegio prevalecerá a outro qualquer por mais exuberante que seja, menos contra os proprietarios das cazas alugadas, os quaes jurando que as querem para seu uzo na fórma da Ley, ou mostrando que se lhes não tem feito os pagamentos devidos, poderaõ obrigar os Fabricantes ao rigoroso despejo, uzando dos meios ordinarios, que lhes ficaõ permitidos

dos para estes cazos fomento: pelo q̄ mando á Meza do Dezembargo do Paço, Concelho da Fazenda, Regedor da Caza da Suplicação, Meza da Conciencia, e Ordens, Concelho Ultramarino, Senado da Camara, Governador da Relação e Caza do Porto, Junta do Comercio destes Reynos, e seus Dominios, Corregedores, Provedores, Juizes, e mais Justiças, a quem o conhecimento deste pertencer, q̄ assim o cumprão e guardem, e o fação inteiramente cumprir e guardar como nelle se contem, sem embargo de quaesquer Leys, Regimentos, Alvarás, dispoziçoens, ou ordens em contrario, que todos, e todas hei por derogadas, como se de cada huma, e de cada hum delles fizesse expressa menção, e individual; valendo este Alvará como Carta passada pela Chancelaria, ainda que por ella não tenha passado, e que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da

de ElRey D. JOZE I. N.S. 39
da Ordenação livro segundo titulo
trinta e nove, e quarenta, em contra-
rio: Registrando-se em todos os
lugares onde se costumão registrar
similhantes Leis; e mandando-se o
Original para a Torre do Tombo.
Dado no Palacio de Nossa Senhora
da Ajuda a tres de Março de mil e sete
centos e sessenta e hum.

R E Y.

PROSA
ECONOMICA.

ECONOMIA, ou Economica,
palavra composta dos dous vo-
cabulos Gregos Oicos caza, e
Nomos regra, não so trata do bom
governo das pessoas, mas tambem da
boa administração das fazendas. Pelo
que toca ás pessoas, a Economica he
huma das partes principaes da Poli-
ti-

tica; porque assim como ensina a Politica o modo de governar a muita gente de hum Reino, dá a Economica leis, e regras para o governo da pouca gente de huma familia; e assim da boa Economica rezulta a uniaõ do marido com a mulher, dos filhos com o Pay, e do Senhor com os servos.

Esta ultima uniaõ foi huma das admiraçoens da Rainha Sabá, no Paço de Salamaõ, quando vio o grande numero de criados, que com supremos, e subalternos officios, ao Sapientissimo Rey assistiaõ, todos com emulaçaõ obedientes, e sem confuzãõ fervorozos, todos no meio das magnificencias modestos, e taõbem morigerados, que aquella Corte parecia huma harmonia de virtudes aulicas, e palacianos primores, que suspendiaõ os sentidos, e arrebatavaõ o espirito: *Non habebat ultra spiritum.*

A este genero de Economica
fa-

fabedoria no governo da familia, acrescentou Salamaõ outra sorte de Economica no governo da fazenda. Era Salamaõ muito rico, naõ só pelos tributos annuaes dos seus subditos, pelos grandes donativos, que lhe faziaõ os Reys da Arabia, e outros Potentados circumvizinhos; mas tambem pelo grande negocio das suas frotas, que de tres em tres annos lhe traziaõ muito ouro, muita prata, muito marfim, e outros generos, q̃ os seus feitores vendiaõ, ou commutavaõ, e espalhavaõ por todas as terras maritimas da Azia; porque naõ he crível, que viessem Navios carregados de dentes de Elefantes, com pavões, e outros animaes só para a Corte de Salamaõ; podendo estas, e outras materias ser muito uteis para o cômercio, como algum dia foraõ em Portugal a pimenta, o cravo, a canella, e outras drogas da India.

Dirá algum soberbo Politico,
que

que este genero de negocio he improprio á Soberania, e baixeza de espirito: mas não dirá bem; porque não he razão que se chame baixeza o negocio, que a nobreza faz para uzar bem do lucro, que delle honradamente rezulta.

As riquezas em si não são más; o mau uzo, ou o não-uzo dellas he mau. O homem de bem não agazalha no coração o ouro; deita-o na arca, para uzar delle a seu tempo; e o bom uzo he o seu maior proveito, porque he o fim, pelo qual Deos o deu. Ao homem Deos não deu a voz, para cantar cantigas obscenas, nem lhe deu a lingua para blasfemias, nem as mãos para furtos, nem o incenso para idolatrias, nem o ferro para homicidios, nem o ouro para vicios: deu-lhe Deos estes bens para instrumentos de todo o genero de virtudes; e he a razão porque os Jurisconsultos aconselhaõ, que na distribuição das Dignidades da Re-

pu-

publica, os ricos sejaõ preferidos aos pobres; porque os ricos saõ mais amantes da Patria, cuja destruiçaõ seria a sua ruina; resguardando-se mais de obrar dezatinos, porque receaõ a confiscaçaõ de seus bens; correm maiores perigos, porque saõ envejados, e as suas desgraças poucos as sentem: ao pobre, como naõ tem que perder, naõ se lhe dá que tudo se perca.

Dos infortunios, e desgraças, a que vivem expostos os ricos, grande lenitivo he o dinheiro, senhor absoluto, que todo lo manda, e lhe obedece tudo: *Pecuniae obediunt omnia*: e posto que (como advertio Juvenal) naõ levátou a Antiguidade templos á Pecunia, de ouro, e prata eraõ compostas todas as figuras dos Deozes, e Deozas, que os antigos adoravaõ; e assim nas estatuas das Deidades de qualquer destes deus ricos metaes, ficava endeosada, e recebia adoraçoens a Pecunia.

Como toda a estimação das riquezas depende do bom, ou mau uzo dellas, não serve occupar a penna em louvá-las, nem empenhá-la em desprezá-las. Do ouro, que trouxe a Rainha Sabá, fez Salamaõ lanças, e escudos; lanças, arma offensiva; escudos, arma defensiva: todo o dinheiro póde ser lança para ferir, e escudo para cobrir; o que importa he, não uzar do ouro para dar lançadas, mas para rebater golpes, e desviar feridas.

Do mau uzo das riquezas se originaõ grandes desordens na Republica. Com esta perversidade se depravaõ os costumes, se corrompe a justiça, e se encobre a verdade, se atropella a innocencia. Este mau uzo perturba a paz, acende guerras, arma cilladas, urde enganos, cõmete affassinios, tempera venenos, e a todo o genero de iniquidade prepara triunfos. Pelo contrario, do bom uzo das riquezas recebem os Reinos

nos innumeraveis beneficios. Com os premios que dá florecem as artes, e as sciencias; com as esmolas que distribue, sustenta a pobreza; com as rendas constitue, funda Collegios, Seminarios, Universidades, e Conventos. Finalmente: com a fazenda Real, na terra levanta Exercitos, e no mar apresta Armadas, para de ambos os elementos exterminar o inimigo, e segurar a Patria de hostilidades, correrias, assolacoes, invazoes, e outras horriveis ruinas.

Sem boa Economica não he possível conseguir, nem lograr estes bens: e posto que diga o Filozofa, que melhor he filozofar que negociar; para o sustento da vida, governo da caza, e provizaõ do necessario, mais proprio he o negocio que a Filozofia. Com esta propozicaõ não quero abonar o dito de Horacio, que com os olhos na conveniencia temporal, chegou a dizer =

*O' Cives, Cives! quærenda pecunia primum est,
Virtus post nummos.*

Ignor-

Ignorava este poeta Gentio, que a propria virtude he huma especie de negocio, e taõ lucrativo, que com elle se pode ganhar o Ceo; tanto assim, que o nosso Divino Mestre comparou o Reino dos ceos com hum homem de negocio: = *Simile est Regnum caelorum homini negotiatori*: e este certamente he o maior dos negocios, porque he trabalhar para adquirir com pouço hum bem infinito.

Com a fanta ambição de hum taõ grande lucro, naõ he incompativel o cuidado de grangear o necessario, para evitar os inconvenientes de huma forçoza pobreza. A mil baixezas está fogeito hum homem necessitado, ainda que bem nascido, e de elevado espirito. Assim como ha terremotos, que fazem cahir os mais altos edificios, abala a necessidade espiritos altivos, e os abate a vergonhozas vilezas. Nos lugares da Republica mais sublimes, se póde justamente recear este abatimento.

Do

Do Legislador Solon escreve Aristoteles, que para Magistrados escolhia os mais opulentos. Diz Seneca, que em Roma se praticava o mesmo na eleição dos Senadores; e no livro 16. cap. 20. affirma Aulo Gellio, que dos cargos da Republica eraõ excluidos os necessitados.

Naõ prejudicaõ estes exemplos ao respeito, que se deve á pobreza Evangelica, porque he voluntaria, e tem por fiador a Providencia. Ao Rey dos Reys Jesu Christo, lhe faltou em nascendo hum apozento; morrendo, lhe faltou agoa para apagar a sede: a estas faltas se quis fogeitar quem tudo possue, para nos ensinar a fazer das faltas virtudes, e da necessidade virtude. Elias subindo ao Ceo, lançou de si a capa; de panos da terra naõ se carrega quem para o Ceo se encaminha. Para salvar as pessoas, alijaõ os navegantes as fazendas ao mar; no mar deste mundo, cargas de bens

ca-

caducos podem ser cauza de naufragios eternos; despreza a madre pérola as ondas que a cercaõ, mais estima huma gota de orvalho ethéreo, que toda a prata do liquido elemento. A todos os thezouros do mundo prefere o pobre Evangelico huma consolação do Ceo; com quem do ouro não faz cazo, nada póde o ouro que tudo póde.

Toda esta doutrina he boa, e certa; mas para viver he necessario comer, e vestir; e ao Pay de familias incumbe sustentar a mulher, os filhos, os criados, e as bestas, se as tem: nada disto se faz sem dinheiro, e faltando este instrumento, que de mão em mão faz tudo, tudo o mais falta. Por isso em huma das suas Comedias diz Plauto, que mais vale ser plebeio, e rico, do que grande Cavalheiro, e necessitado: e he observação de Cardano, que quazi por instincto da natureza, até os cães aborrechem a pobreza; porque a pe-

din-

dintes, e rusticos mal acepillados, no meio das ruas estes animaes ladrão, e com obstinada raiva os perseguem.

Sendo pois a pobreza hum tão grande mal, ordinariamente he voluntario; porque aquem póde, e quer trabalhar, nunca falta o necessario. O ocio não só he pay de muitos vicios, tambem de muitas mizerias he pay; porque não produz nada, e se delle chega a fahir algũa couza, he couza que atormenta. Assim como a terra ocioza, e não lavrada não dá sennaõ urtigas, e espinhos, assim de huma familia inerte, e descansada não brotaõ sennaõ abrolhos, e cuidados para o sustento. Brevemente se consome o que se adquirio, quando ao adquirido nada se acrescenta. Tudo o que com o ocio se póde adquirir, são vícios, desordens da vida, e depravação dos costumes.

Da vida privada se comunicação

á Republica os damnos do ocio, assim como no corpo humano se originaõ do nimio descanso pituitas, phlegmas, humores viscosos, e glutinozas mucilagens, que apagaõ o calor natural, e desconcertando a harmonia da saude, cauzaõ morte; assim no corpo civil de hum Reyno, no lethargo da vida ocioza adormecem todas as artes; e desta criminosa tranquillidade procedem os excessos da intemperanças, as torpezas da vida voluptuoza, a infracção das leis humanas, e Divinas, e todas as mais iniquidades, e desatinos, destructivos da gloria, e prosperidade de hum Estado.

Com severos, e prudentes estatutos procurâraõ Principes zelozos prevenir estas desordens, e atalhar estas ruinas. No Egypto o Rey Amasis fez huma ley, que obrigava seus subditos a declarar cada anno ante o Juiz o officio de que vivia. Aos Athenienses seu legislador Solon, fez ob-

observar esta mesma ley. Entre os Romanos havia hum Censor, cujo officio era vigiar nos vadios, e não permitir, que fugeito algum vagasse pela Cidade sem negocio seu, ou alheio. E no tempo de Catao Censorino, não era admitido a Cidadão Romano, quem não mostrava callos nas mãos endurecidas do trabalho. Segundo Aristoteles nas suas Politicas, dos governos populares, dos lavradores he o melhor; porque applicados á cultura dos campos, ignoravaõ os enganos e enredos das Cortes, e da sua laborioza rusticidade fazem mais cazo, que de toda a Palaciana destreza.

A nenhũa creatura he licito ser, e não obrar. Corta-se a arvore, que não dá folha, nem fruto, porque inutilmente occupa o lugar em que está. O Céu Empyreo, ainda que immovel, obra; nos Orbes inferiores influe, e na sublimidade do seu descanso, não deixa de beneficiar o

Universo. Viver, e não trabalhar, não he viver, he estar sepultado em vida: desta expressão uza Themistocles, chamando ao ocio sepultura de homem vivo.

Em braços, e mãos ociosas fica frustrado o fim porque foraõ dadas. Ao homem Deos não deu braços para os ter encruzados, nem lhe deu mãos para as meter no feyo, ou para pôr mão sobre mão. Ao homem foi dada a mão, para instrumento universal de todas as artes. O não uzar deste maravilhoso engenho, he defraudar o Mundo das grandes utilidades, que delle em toda a parte se recebem. Na vida humana não ha estado, em que o homem se possa justamente isentar deste manual exercicio. Os Padres do Dezerto passadas as horas da contemplação, se occupavaõ em cultivar a terra. Dos Discipulos do Senhor, escreve S. Clemente, que huns eraõ pescadores, outros Lavradores, e que os

mo-

moços, que na Igreja Primitiva se consagravaõ a Deos, para dar aos seculares bom exemplo, e não serem inuteis á Republica, aprendiaõ alguma arte mecanica, com a qual ganhavaõ a vida.

Entre os Hebreos se praticava o mesmo na mais apurada nobreza, tanto assim, que S. Paulo, aindaque Cidadãõ Romano, professava a arte Scenofatoria dirigida á fabrica, e ornato dos theatros; e na Christandade sempre será admirada a humilde attençaõ do Emperador Carlos Magno, que obrigou as Princezas suas filhas a fazer obras de laã, e linho, diffimulando com a roca a coroa, e com o fuso o sceptro. Finalmente os Irmãos de Jesu Christo a quem como descendentes da Real Caça e prozapia de David, o Emperador Domiciano quis tirar a vida, com a pelle das mãos endurecidas no trabalho, e cheias de callos, mostravaõ que não se occupavaõ em inventar,

e

e publicar novidades: e com esta demonstração de seu laboriozo exercicio, se livraraõ da perseguição do Tirano.

Ha cazas taõ miseravelmente dezamparadas, que nem segundo as leis do mundo os seus donos cuidaõ nellas. Saõ estas as cazas de huns seculares, taõ negligentes, e desmazelados que pelo seu máo governo se vem cheios de dividas, perseguidos dos acredores, e reduzidos a huma vergonhoza indigencia.

Nas pessoas que tiveraõ bens da fortuna, he esta falta taõ fêa, que os faz incapazes de ferver a Patria. Do Emperador Alexandse Severo diz a Historia, que nas vizitas, que elle fazia no Senado Romano, tirava particular informação do modo com que os Senadores governavaõ as suas familias; e costumava dizer, que era grande loucura, fiar o governo da Republica de quem naõ sabia governar a suacaza. Para dar a entender, que no
meio

meio da sua opulencia devem os Principes guardar os preceitos da Economica. Chamava Plataõ ao Rey Pay de familia: e he sentença de Xenoforte, que *Bonus princeps nil differt a patre.*

A todo o pay de familia, ainda q̃ homem privado, ainda mais lhe importa o bom governo da sua caza, porque naõ he como o Principe, pay nuncupativo, mas verdadeiro pay, principio generante, e cauza efficiente da sua prole; razãõ natural, e forçoza para com mais particularidade obrigar os nobres a zelar com prudencia as proprias conveniencias, para o decoro, e luzimento dos seus descendentes.

Muitos annos esteve a Europa sem o focoro de huma arte, digna de ocupar a nobreza, e capaz para grangear, e acrescentar sem indecencia cabedaes bastantes ao sustento de qualquer honrada familia. Do tempo que na Europa se introduzio esta

ar-

arte, começou a florescer em Italia o comércio. França, que antes de a cultivar, a perder dos milhoens de cruzados que de si lançava, se provia da parte de que necessitava, hoje pelos artefactos da mesma materia, todos os annos muitos milhoens recebe. Nos Reynos de Granada, e Murcia este mesmo genero he a fazenda de mais rico, e limpo rendimento. E em Portugal no reinado de ElRey D. Pedro II., se o incomparavel zelo do Conde D. Luis de Menezes, Vedor da fazenda Real tivera concebido o fim, que certamente merecia, hoje todo Portugal estaria abundante de hũas plantas, que nem Holanda, nem Flandes, nem a maior parte de França, nem a Graã Bretanha, nem Suecia, nem Dinamarca, nem outras terras do Norte, podem facilmente criar nos mais ferteis campos, e vargeas de seus Estados; porque ordinariamente não medraõ as amoreiras no terreno onde

de

de se não dão bem as vinhas.

Huma das terras mais proprias para a produção, e multiplicação deste utilissimo vegetante, he Portugal, e o Algarve; e o insecto que das suas folhas se alimenta, póde dar materia sufficiente para ocupar com proveito muita gente, que sem este exercicio passaria parte da vida ociozamente, e sem o lucro que delles resulta, poderia miseravelmente cahir em pobreza.

Para desfazer no vulgo a errada opiniaõ da vida ocioza dos Religiozos, parece quis o Ceo, que ao primor, e cuidado de dons destes fervos de Deos devesse a maior parte da Cristandade o principio de huma arte, que cada dia mais se vai aperfeiçoando, e dá de comer a infinita gente.

Primeiro que se soubesse fiar a lã, e o algodão, andavaõ os homens vestidos de pelles, e antes da noticia dos Bichos da feda na Europa,

ropa, nesta parte do mundo, a materia de todos os panos era laã, ou algodão. No tempo do Emperador Justiniano, passaraõ da Azia para a Europa dous Monges, que troxeraõ femente dos Bichos da seda, que pouco a pouco se propagaraõ de forte, que delles successivamente fahiraõ todas as sedas, que com diferente lavor tecidas vestem, cobrem, ornaõ, nas cazas, nos theatros, nos Palacios, nos Templos, e Santuarios, alfaias, e pessoas seculares, e Ecclesiasticas, desde qualquer Tribunal até o Capitolio, do mais humilde Oratorio até o Vaticano.

Naõ he possivel reduzir a numero a muita gente, que em todas as Villas, Cidades, Provincias, e Reinos a compra, a venda, o commercio, e as manufacturas da seda ocupaõ. (*) Damas illustres, e senhoras da primeira classe, ou qualidade tomaõ ás vezes o trabalho deste emprego por recreação. Em muitas cazas de

Ita-

Italia se faz a seda preciza para o uso dellas, em fitas, véos, saias, e varios domesticos adereffos. Nos annos de mil e quinhentos e noventa e tres, e noventa e quatro, a Duqueza de Ascot em Holanda fez na sua caza huma criação de Bichos, que lhe deu seda bastante para vestir todas as suas criadas. Todos se admirão do bom successo, que teve esta empreza em huma terra em que o rigor do frio a representava impossivel.

A mim muito mais me admira a inercia da maior parte dos Portuguezes, que para este mesmo effeito se não aproveitaõ da benignidade do seu clima.. Para que não digaõ, que esta minha admiracão he impertinencia propria dos Estrangeiros, que ordinariamente se erigem em censores, e reformadores das terras, em que se achaõ, confirmo esta verdade com as proprias palavras de hum Escritor Portuguès, que não repara em

em fazer da negligencia da sua patria esta queixa.

(*) No Dialogo quarto da sua Miscellânea pag. 96. diz Miguel Leitão de Andrada: A seda (dita assim da Cidade de Siraz, junto a Babilonia, donde se inventou, e nos veio) que vamos buscar á China, e Japaõ, e mandamos a Castella, donde nos torna tecida, a todas estas partes a podemos mandar nossa de casa, em mais quantidade. E por puro dezaço não curamos de a criar, sendo este Reino naturalmente fertil de arvoredos, e cria excellentissimamente amoreiras, e moraes, e se podiaõ plantar infinitos, e delles tirar infinita seda; porque o tempo dessa occupaçaõ, que he Abril, Mayo, e Junho, nenhuma outra ha de semiar, nem recolher, nem adubios de vinhas, e anda a gente entã ocioza. A'lem do q̃ toda a qualidade de homens, e mulheres, e ainda os Religiozos se podiaõ ocupar nisso, e
 bastá-

bastára isto para o Reino ser muito rico, pois vemos que o de Granada, com só a seda (que de tudo o mais será muito salto) e só com os direitos della se sustentavaõ os seus Mouros, com tanta gente de guerra de cavallo, que parece incrivel, que ha Authores, que fallaõ em oitenta mil, sendo Reyno muito menor que este nosso.

Em qualquer outra nação bastavaõ estas poucas palavras, para incitalla a huma taõ proveitoza agricultura; mas desde o anno, que sahio a luz este livro, e com elle esta judiciozissima advertencia, só na Provincia de Tras-osmontes se abalou, ou se affervorou mais para esta occupação a industria de seus moradores, particularmente nos contornos da Torre de Moncorvo, cujos veludos tiveraõ alguma reputação; e ainda hoje em algumas cazas da dita terra persevera a applicação, que merece a importancia deste exercicio.

No anno de mil e seiscentos e setenta e nove, o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, teve o gosto de ver como effeitos, e premios do feu trabalho, na officina das manufacturas da seda, assentada junto das portas, que entãõ existiaõ, de Santa Catharina, cincoenta teares, em que officiaes, pela maior parte Estrangeiros, trabalhavaõ em muita forte de seda lavrada; e na caza de baixo da mesma fabrica andava hum grande moinho com hum grande numero de fuzos, que com perpetuo giro serviaõ de indireitar a obra: no mesmo tempo, dos teares que o mesmo Ministro mandava vir de Inglaterra, sahiraõ meias de seda, com que os Portuguezes, com calçados de sua lavra, começaraõ a passear as ruas de Lisboa. Finalmente nesta Corte, já mais de trezentas pessoas se sustentavaõ só do dobar a seda: e se do dito anno de mil e seiscentos setenta e nove, até o prezen-

te anno de mil e setecentos e vinte e quatro, espaço mais de quarenta annos, no termo de Lisboa, nas Provincias de Portugal, no Reino do Algarve, nas Ilhas, e outras Conquistas, com a devida obediencia ao Decreto de ElRey D. Pedro II. tivera a gente Portugueza plantado, e cultivado amoreiras, e criado Bichos da seda, para no seu tanto vendêlla aos Estrangeiros em rama; não haveria hoje Reino mais opulento que o seu, nem Povo mais isento das lazeiras, e angustias da pobreza.

Eu, que desde o anno de mil e seiscentos sessenta e oito, tenho a fortuna de gozar da clemencia destes ares, juntamente com a honra de ser o mais antigo Prégador da Capella Real, e o mais antigo Qualificador do Santo Officio, em toda a occasiaõ, que se me offereceo, sempre procurei dar provas do meu zelo, e agradecimento.

Entre outras, evidente, e auten-

thentica demonstração desta verdade, he o Livrinho que eu compus, e de já estampa da Instrução sobre a cultura das Amoreiras, e criação dos Bichos da seda. Do pouco successo que teve, no dia do Juizo se saberá a cauza.

Agora, que a pezar da fem-
razaõ a experiencia vai mostrando a
Cavalheiros desta Corte, e a pes-
soas do vulgo, a grande utilidade
desta cultura, e desta criação para
o aumento do bem publico, me pa-
receo conveniente dar nova luz ao
dito Opusculo, hoje taõ raro, que
conheço pessoas, que por o naõ a-
char nas loges dos livreiros, o man-
daraõ tresladar, ou por curiozidade,
ou por conveniencia. Para satisfazer
a huma, e outra, aqui o tem todo o
Leitor novamente impresso. Nesta
Proza Economica lhe tenho dado
lugar, por ser (como ja tenho mo-
strado) obra capaz, para exterminar
o ocio, e acrescentar o cabedal, naõ
só

fó de algumas familias em particular, mas toda de huma Monarquia.

ADVERTENCIA

A O S

PORTUGUEZES.

AS artes liberaes, e mechanicas, saõ as fontes do bem cõmum, as bases das Republicas, e as colunas dos Imperios: humas se empenhaõ no sustento da vida, como a Agricultura; outras se armaõ contra as invasoens dos inimigos, como a Milicia; e outras se desvelaõ para o descobrimento, e conquista de terras estranhas, como a Nautica: donde se segue, que florecem as Monarchias com tanta maior gloria, e felicidade, quanto maior he o numero, e a perfeiçaõ das artes, que nellas se exercitaõ.

E

Nas

Nas artes mais nobres sempre floreceo a Luzitania: admirou o Parnaſo a elegancia dos ſeus Poetas; eſtranhou Neptuno a ouzadia dos ſeus Argonautas; e Marte invejou a valentia dos ſeus Capitaens; mas ſempre ſe moſtrou o Povo de Portugal deſcuidado das artes inferiores, em que cõmumente ſe occupaõ os povos dos outros Reinos. Antipatia deve de ſer, q̃ o brio da Naçaõ tem com acçoens do vulgo; e conhecendo-ſe cortada para heroicas emprezas, ſe envergonha de ſe abater a plebeos exercicios. Niſto ſaõ os Povos de Portugal ſimilhantes aos de que eſcreve Xenofonte, que nunca ſe occupavaõ em artes mechanicas, para que naõ degeneraſſe a nobreza do animo com a humildade do exercicio. Mas ſoppoſto, que eſta briosa liberdade acredita a bizarria dos genios, he muito prejudicial ao bem commum dos Eſtados, porque della ſe occaſiona huma perpetua, e quazi natural

ral ociozidade do Povo, e a ociozidade dos Povos he cauza da pobreza dos Reinos.

As tres materias, sobre que obraõ todas as artes, (que genericamente chamaõ lanificas) saõ laã, linho, e seda, mas deixando as primeiras duas, q̃ não saõ deste lugar, a mais nobre, e mais lucrativa, e a mais mysterioza, he a arte da seda.

A nobreza desta arte serve de estimulo á altiva inclinaçaõ dos Povos: o lucro que della se tira, alenta as esperanças dos Mercadores; e os mysterios que nella se descobrem, despertaõ a admiraçaõ dos Sabios.

(*) Em primeiro lugar, he esta arte taõ nobre, que póde servir de occupaçãõ á mesma nobreza, sem desdouro do seu luzimento, como se experimenta em quazi todas as Cidades de Italia; porque nas partes aonde está introduzida a criaçaõ dos Bichos da seda, não ha casa nobre, em q̃ os senhores della não se occupem

pem neste aprazivel exercicio, e em muitas cazas ha teares, em que até as mulheres tecem fitas, ou sedas ligeiras, para adorno das suas cascas, e das suas pessoas. A nobreza das sciencias, e das artes, se mede pela qualidade dos seus objectos, e que coufa mais nobre, que a seda, que he objecto, e a materia sobre, que esta arte se exercita. A' nobreza serve a seda nas galas; aos Senadores nas Togas; aos Capitaens nos Estandartes; aos Sacerdotes nas sagradas vestiduras; aos Bispos nas Mitras; aos Cardeaes nas Purpuras; aos Monarcas nos Diademas; e aos Pontifices nas Tiaras.

A's Damas offerece a seda flores, que não murchoão nas Primaveras; chãmas, que não offendem nos carmezins; no lavor dos bordados, labyrinthos sem confuzão; e nas ondas dos chamalotes, mares sem tormentas, e sem naufragios. Serve a seda para as pompas funebres, e para

para os triunfos; he o enfeite das Cortes, o apparato dos Palacios, o ornato dos Templos, e dos Altares, e o adorno dos mesmos Santuarios, e retratos da gloria, e hospicios da Divindade.

(*) Em segundo lugar, a utilidade, que se tira da criaçãõ do bichos da seda, melhor se conhece pela experiencia, que pelo discurso. Duas Amoteiras grandes, ou quatro pequenãs, bastaõ para sustentar meia onça de bichos, que produzem seis arrateis de seda; a qual quantidade posta em moedas, vale tres mil reis o arratel; de sorte, que hum trabalho, ou huma curiozidade, que naõ custa dous mil reis, no espaço de oito semanas ao mais, rende dez-oito mil reis. Os pobres pois, que naõ tem campos para cultivarem Amoreiras, nem cazas sufficientes para a criaçãõ dos bichos, se podem occupar em tirar, e dobar a seda: e esta he huma occupaçaõ honesta, e util,

util, principalmente ás muitas mulheres honradas, que em outros exercicios de maior trabalho, e de menos proveito, gastaõ a vista, a saude, e a vida. Nas provincias de Flandes, se contaõ mais de doze mil pessoas, que se sustentaõ só de dobar a seda, que lhe vem em rama, nas frotas da Companhia das Indias Orientaes. Com esta mesma occupação já se sustentaõ em Lisboa mais de trezentas pessoas, que dobaõ a seda, que se lavra nos cincoenta teares das novas manufacturas: e crescendo (como se espera) o numero das Amoreiras, e teares, até se poder lavrar toda a seda, que he precisa para o Reino, e suas Conquistas; será taõ universal a occupação de dobar a seda, que poucas familias pobres haverá em Portugal, a que falte o sustento, se se occuparem neste exercicio.

Alem da ganancia, que a criação dos bichos, o dobar a seda, e todos

dos os mais officios dependentes das manufacturas, prometem aos pobres, a cultura das Amoreiras promete à nobreza grandes utilidades, e riquezas; porque muito mais facil, e proveitoza he a cultura destas plantas, q̄ a das oliveiras, e laranjeiras, em que muitas cazas de Portugal tem huma consideravel parte das suas rendas; porque as oliveiras não daõ fructo, senão depois de muitos annos; e as laranjeiras não medraõ, senão em terras mimozas; e humas, e outras estaõ taõ fogeitas ás inclemencias do tempo, que hum vento, huma nevoa, ou huma chuva intempestiva, he sufficiente para destruir as novidades. (*) Pelo contrario, a cultura das Amoreiras he taõ facil, e taõ breve, que em tres, ou quatro annos se põe huma Amoreira em estado de se comear com ella a criaçaõ de muitos bichos, e a natureza lhe deu a propriedade de lhe não fazer damno, mas antes lhe ferá util o tirar-lhe as fo-

folhas. A duração pois desta arvore he tal, que nas Provincias onde se cultiva, não ha memoria do tempo, em que forão plantadas. As Amoreiras se criaõ neste Reyno em toda a terra, sem ser necessario occupar a melhor, nos montes, e ainda entre as arêas. O publico póde ordenar, se plantem junto dos caminhos, como se fez em França, e Italia; e os particulares podem cercar dellas as suas quintas, e vinhas, considerando, que as folhas desta arvore são mais proveitozas, que os frutos das melhores plantas. Por onde aumentando-se a criação dos bichos, ao mesmo passo que crescerem, e se cobrirem de folhas as Amoreiras, novamente plantadas, os rendimentos de hum moral de cinco, ou seis mil Amoreiras, serão muito maiores, e mais certos, que os de hum olival, ou laranjal, de outras tantas mil oliveiras, ou laranjeiras. Finalmente com a cultura das Amoreiras, e criação dos bichos, se
fa-

fará a nobreza mais rica, ficará a pobreza aliviada, e a ociozidade deſterrada; ſe evitará a ſahida do dinheiro do Reyno, ſe abrirá o caminho ao muito, que entrará pelas mãos dos Eſtrangeiros; a troco da ſeda em rama, terá Portugal muitas Provincias da Europa tributarias à ſua industria, e todas ſeraõ admiradoras da ſua opulencia.

Nas mãos de Deos, os mais débeis, e deſpreziveis fogeitos, ſaõ os artifices das maiores maravilhas; tambem nas mãos dos Principes, q̃ ſaõ as imagens de Deos na terra, podem as materias mais humildes, e na apparencia mais inuteis, obrar prodigiozos effeitos: e ſe Deos antigamente deſtruio o Egypto com mosquitos, e gafanhotos, póde El-Rey noſſo Senhor enriquecer a Portugal com folhas, e com bichos, e folhas de Amoreira, e bichos de ſeda.

Os bons Miniſtros dos Principes, ſaõ como as Aguias, que da ma-
is

is sublime Região do ar, vem na terra os mais pequenos insectos. D. Luis de Menezes, Conde da Ericeira, na suprema elevação da dignidade, em que attendendo desvelado aos interesses da Monarchia Lusitana, vio com perspicacia de Aguiã aquelle insecto, subtilissimo artifice da feda, nesta Corte apenas conhecido; e com igual agudeza previo os grandes emolumentos, que podia dar á Republica a criação, e multiplicação desta industrioza creatura: para este effeito insistio o Conde, em que se plantassem Amoreiras em todas as Provincias do Reyno; deu ordem a q̃ viessem de varias partes da Europa Officiaes para as manufacturas; e para esta nova introducção desfez tantas duvidas, venceo tantas opposições, e se offereceo martyr do bem publico ás penalidades de tantos, taõ varios, e taõ impertinentes cuidados, que póde servir de exemplar ao zelo, e amor da Patria, de ad-
mi-

miração á constancia , e de perpetuo assumpto aos encomios da posteridade : já se anticipa a fama em aplaudir as virtudes militares , e politicas , com que chegou aos mais sublimes postos , sem mais diligencia , que havêllos merecido : e se a sua penna foi a mina das luzes , com q̃ se manifestaõ ao mundo as façanhas dos Heroes de Portugal , algum dia a multidaõ das suas gloriozas acçoões , será a muitos volumes de Annaes , illustre , e inevitavel embarço.

Mas porque na gloria das victorias , que de ordinario se attribue ao valor dos Capitaes , naõ deixa de ter sua parte a valentia dos soldados ; tambem na prudente Economia dos Estados , talvez se acreditaõ os Ministros inferiores , sem prejuizo da gloria dos Supremos. Suposto isto , razaõ he , que para memoria dos vindouros , se faça aqui mençaõ do zelo , habilidade , e desvelo , com que Rolando du-Clos propôs , so-
li-

licitou , e adiantou esta nova introdução das manufacturas da seda , com tão evidentes experiencias , e com tão felice successo , que toda esta Corte se admirou , de que se fizesse tão util a Portugal a industria de hum Estrangeiro : mas a verdadeira Patria dos fogeitos de talento , he a terra , em que exercitaõ as suas virtudes , e entre as muitas differenças , que há entre os homens , e os animaes , huma das principaes he , q̃ os animaes achão a sua patria , e os homens a escolhem : aquelles achão por patria a terra em q̃ nascem ; e estes escolhem por sua patria a terra , em que pertendem fundar sobre os alicerces da sua virtude sua fortuna. Com esta consideração escolheo Rolando du-Clos a Portugal por sua Patria , e está tão naturalizado , que atrevendo-se a huma empreza maior , que as suas forças , parece tem trasladado em si os brios da nação Portugueza , que sempre fez facil ao seu

valor, tudo o que conheceo superior ao seu poder.

Com generosa, e discreta emulação, quizerão lograr juntamente com Rolando du-Clos a gloria desta empreza, como focios no mesmo negocio, e companheiros no mesmo trabalho Francisco Lopes Franco, Varaõ de muita virtude, e prudencia, como benemerito do Reyno, e Joaõ Soares da Costa, cuja intelligencia, e zelo do aumento do bem commum, prometêo grandes acertos, para o perfeito estabelecimento desta fabrica; não reparando ambos em contribuir largamente para ella com suas fazendas, paraque a de Sua Magestade, e dos seus vassallos se acrecente.

De maneira, que esta artificiosa maquina das sedas, que nos seus principios estava fundada sobre huma só coluna, tem hoje mais pessoas que a sustentão, do que teve o fabuloso Ceo dos Poetas; porque
des-

descança nos hombros de tres Atlantes.

As obras da arte tem, como as da natureza, a sua infancia; e por débeis principios sobem ao auge do seu augmento. A seda na boca do Bicho que a fórma, he hum fio; nas anafayas he têa; nos cazulos he novêlo; nas dobaduras he meada; e assim cresce a seda em quantidade, e perfeição, até que nas vestiduras do homem chega a ser o ornamento de hum pequeno Mundo.

Do mesmo modo teve esta fabrica da seda alicerces taõ frageis, como os da mesma seda no exordio do seu ser; porque começou por hum tear de fitas, em menos de hum anno se viraõ armados cincoenta teares, em que se fazem tafetás, gorgoroês, galas, primaveras, setins, e télas: brevemente trabalharão outros cincoenta; e se corresponderem os progressos a estes principios, daqui a alguns annos terá Portugal
ma-

mais sedas que laãs: e os que agora julgaõ esta empreza impossivel, ou damnosa ao Reyno, conhecerãõ a sua possibilidade na evidencia do successo, e a sua utilidade na importancia do proveito.

Tenho mostrado como a arte da seda he taõ nobre, que póde servir de exercicio á nobreza, e taõ lucrativa, que nella achará o Reyno huma mina de excessivas riquezas. Resta que vejamos como esta mesma arte he taõ mysteriosa, que póde dar perpetuos motivos de contemplaçãõ, e admiraçãõ á intelligencia dos Sabios.

O nascimento, criaçãõ, e vida dos bichos da seda encerraõ em si taõ profundos mysterios, que naõ só por interesse, mas por recreaçãõ, e por curiozidade podem occupar as pessoas mais virtuozas, as Religiozas, as Damas, os Filosofos, e mais doutos Theologos do mundo.

Os principaes Artigos, e My-
ste-

sterios da Fé Catholica , são a existência de hum Deos , a Trindade das pessoas na natureza Divina , a Encarnação do Verbo , o Nascimento de Christo , a Adoração dos Reys Magos , a Transfiguração , a Morte , e Resurreição do Senhor.

Todos estes mysterios no bicho da seda admiravelmente se representam. Primeiramente aos Atheistas , filhos da incredulidade , e partos da cegueira , que não tem olhos para o Deos , q̄ os mesmos cegos adoraõ , mostra este insecto com palpaveis maravilhas a existencia do Author da natureza ; que se não há no Mundo hum Artifice Supremo , qual he o Mestre das Artes , que este prodigioso Artifice , sem Mestres exercita? Elle fia , tece , e edifica ; fia sem mãos , sem braços tece , e sem algum instrumento edifica o seu domicilio. E se com a efficacia da sua palavra , Deos fez ao Universo , este milagroso Architecto , sem voz , e sem fal-

falla, fabrica no feu casulo hum pequenino mundo. A's luzes da verdade abre os olhos, ò incredulo Atheista: e já que nas luzes dos Astros, e nos brilhantes Planetas, não ves da Divindade os rutilantes reflexos, confessa, que para prova de que no mundo há Deos, este bichinho basta.

Adoramos a Deos, hum na Essencia, e Trino nas Pessoas; e neste insecto admiramos tres sujeitos distinctos em huma só natureza, porque o principio do feu ser, he hum pequenino ovo da grossura de hum graõ de mostarda: do ovo nasce hum bicho, e do bicho huma borboleta; de maneira, que em huma só substancia se achão tres suppostos realmente distinctos: a substancia destes suppostos se communica, mas não se communicão os suppostos; e com tudo a substancia, e os suppostos são fysicamente a mesma effencia, e esta effencia nos tres suppostos obra por diferentes modos: e do mesmo modo,

do, que nas Pessoas Divinas, huma Pessoa não tem as perfeições relativas da outra, supposto que cada Pessoa he igualmente perfeita, mas antes fora imperfeição, que a propriedade da primeira Pessoa se achasse na segunda, e na terceira; e assim não tem a Pessoa do Pay a propriedade relativa do Filho, nem o Filho possui a propriedade relativa do Pay, nem ao Espírito Santo se attribuem as perfeições do Pay, em quanto Pay; nem as do Filho em quanto Filho: tambem nos tres supostos da substancia deste prodigioso insecto, não tem o ovo as perfeições proprias do bicho, nem o bicho as da borboleta, nem a borboleta as do bicho, nem do ovo; porque o ovo não anda como o bicho, nem o bicho voa como a borboleta; nem a borboleta, e o bicho perseveraõ sem corrupçaõ de hum anno para outro, como o ovo.

No Verbo Encarnado estaõ unidas duas diferentes naturezas, a

Hu-

Humana, e a Divina; e no bicho da seda se achão duas diversas naturezas; porque como bicho he reptil, como borboleta he volatil: no reptil se figura a humildade do ser humano, e no volatil se simboliza a sublimidade do Divino.

Por virtude do Espirito Santo tomou o Verbo Eterno carne nas entranhas de huma Virgem; e a semente dos bichos se anima, ou com o calor do Sol, ou com o calor natural, no peito de huma donzella.

Christo entre palhas nasceo; e o bicho da seda entre folhas nasce: nasceo o Senhor no mais profundo silencio da noite; e o bicho da seda no silencio vive, e com os estrondos morre.

No Presepio os Reys Sabios buscaraõ ao Senhor; e faõ Sabios os Reys, que procuraõ no seu Reyno a criaçaõ deste insecto. No Thabor Christo se transfigurou, e ficaraõ suas vestiduras brancas como a neve;

tambem o bicho da seda se transfigura em huma borboleta, que se iguala á neve na alvura.

O Senhor, que a todos veste, morrêo nú em hum madeiro: e o bicho da seda, que a todos dá de vestir, vive, e morre nú; retrato da paciencia, e da pobreza. Finalmente, resuscitou o Senhor, e no sepulchro deixou as mortalhas; e o bicho da seda rompe o casulo em que estava sepultado, e nelle deixa duas pelles, como despojos da morte, e trofeos da immortalidade. Mas he tempo que acabe, e acabo advertindo aos discretos, que cada acção do bicho da seda he hum jeroglifico, e em cada jeroglifico se significa huma virtude.

Todos os documentos de bem viver, se aprendem na contemplação da vida, e morte deste Rey dos insectos; a caridade, a prudencia, a penitencia, e o desengano das vaidades do mundo.

Que caridade mais entranhavel
pó-

póde haver, que desentranhar-se para vestir os nús? Fórma o bicho da seda com a substancia das suas entranhas os defensivos, com que os homens se armaõ contra as injurias do tempo; e para remediar necessidades alheas, converte em preciosas roupas os seus proprios alimentos.

Que prudencia mais soberana, do que ordir innocentes enredos, para conseguit gloriozas victorias? Fia o bicho da seda os laços em que se prende, e se encarcera a si mesmo; mas quando he tempo, quebra a prizão, e sahe victorioso. Nos labyrintos da Corte, muitos se enredaõ no que tecem; mas não se sabem desembaraçar do em que se enredaõ.

Qual dos mais solitarios Ermitaens póde competir com o bicho da seda nas asperezas da penitencia? E qual contemplativo Anacoreta, viveo como elle em huma cella sem janella, jejuando com taõ grande rigor

gor, que pelo espaço de muitos dias não toma huma folha verde para seu sustêto? Elle se aparta tão deste mundo, que vive retirado em hum outro mundo, morto na apparencia, e na realidade sepultado.

Em conclusão, este mesmo insecto, que parece nascido para fomento de pompozas vaidades, he aquelle, que melhor nos desengana da vaidade das pompas humanas; porque a riqueza das sedas, que lava, não he outra cousa, que o excremento das folhas, que come: e para nos advertir, que a nossa vida depende de hum fio, á tecedura de hum fio se reduzem todas as obras da sua vida. Cuidemos todos na fragilidade da vida humana, para nos assegurarmos huma morte santa. A arte das artes he saber morrer; porque o premio desta arte, he o mesmo Deos na eterna bemaventurança: os erros, que nas mais artes se comettem, são reparaveis; mas he irre-

paravel o desacerto de huma má morte. Esta he a mais importante advertencia das que se encerraõ nesta introduccaõ : fiz as duas primeiras como zeloso do bem do Reyno ; e remato com esta , como desejozo do bem das almas.

P A R T E I

D. R. B. I.

IN-

INDEX

DOS CAPITULOS,

Que contem esta Instrucção.

PARTE I.

CAP. I. *Das differenças das Amoreiras, e das suas excellencias.*

CAP. II. *Varios modos de plantar Amoreiras brancas, e pretas.*

CAP. III. *Modo de transplantar as arvores nascidas por semente.*

CAP. IV. *Modo de plantar as Amoreiras por mergulha.*

CAP. V. *Modo de plantar as Amoreiras por estaca.*

CAP. VI. *Modo de plantar as Amoreiras por enxerto.*

CAP. VII. *Como se devem entreter as Amoreiras.*

CAP. VIII. *Modo de colher a semente das Amoreiras, para a semear.*

PAR-

P A R T E II.

CAP. I. Do lugar proprio para criar os bichos.

CAP. II. Regra para conhecer, e escolher os melhores grãos, e fazer subir os bichos.

CAP. III. Das mudas dos bichos, e como convem tratallos no tempo deltas.

CAP. IV. Modo de colher, e conservar as folhas das amoreiras.

CAP. V. Das doenças dos bichos da seda, e dos remedios, que se lhe podem applicar.

CAP. VI. Segredo para fazer nascer sem semente muitos bichos da seda, que daraõ excellentes grãos com abundancia.

CAP. VII. Modo de fazer subir, e fiar os bichos da seda.

CAP. VIII. Do tempo em que os cazulos se haõ de tirar dos ramos.

P A R T E III.

CAP. I. Do modo, com que se devem aparelhar os casulos para delles tirar a seda; e como se podem conservar muito tempo, impedindo que as borboletas não os furem.

CAP. II. Como se devem escolher os casulos, e unir as borboletas para que ponhão a semente.

CAP. III. Da fórma do forno, do badoura, e outros instrumentos para tirar a seda.

CAP. ULT. Do barbilho, e do modo de o aparelhar.

INS.



INSTRUCCÃO

Sobre a Cultura das Amorei-
ras, e criação dos Bichos
da seda.

P A R T E I.

C A P I T U L O I.

*Das differenças, e propriedades das
Amoreiras.*

Como o fundamento prin-
cipal da seda, depende
das Amoreiras; esta rica
arvore, cujas folhas fer-
vem de sustento aos bi-
chos, será o assumpto do primeiro
Ca-

Capitulo deste Tratado.

Duas sortes de Amoreiras se conhecem, humas brancas, e outras negras. A differença, que as primeiras fazem das segundas, começa pelo fruto; porque produzem comumente amoras brancas, ou pardas, mais pequenas que as negras, e menos saborozas: as folhas são de hum verde mais claro, a casca, e a madeira mais branca; razão, porque conservaõ o nome de brancas; aindaque algumas produzaõ amoras negras.

Posto que as folhas de humas, e outras sirvaõ á nutritura dos bichos, as folhas das Amoreiras brancas se preferem ás Amoreiras negras, por quatro razoens. Primeira, porque são mais tenras, e deliciozas, e de melhor gosto, e alimento aos bichos. Segunda, porque produzem a folha vinte dias primeiro, que as outras, e se anticipa com ellas a criação dos bichos, de vinte dias,

ás

ás calmas do mês de Junho, que lhe são contrarias. Terceira, porque estas arvores crescem, e se cultivam mais facil e brevemente, que as outras. Quatta, porque em algumas terras, a experiencia tem mostrado ser a seda dos bichos, que se sustentam de folhas destas Amoreiras, mais fina, e de mais valor. Porém a experiencia tem mostrado, que a seda de Portugal, aonde só se uza das Amoreiras pretas, he melhor, que a mais fina de Italia; com o que se podem só plantar as Amoreiras brancas, pela segunda qualidade de anticiparem as folhas: e supposta esta razão, se podem pôr entre dês amoreiras pretas, duas brancas.

Esta arvore he a mais formozza, e a mais util de todas as arvores, que servem ao ornato dos campos, e ao proveito dos homens: quanto á formozura, o prova bem a sua vista; quanto á utilidade, o manifesta os seus effeitos, que são

única riqueza de muitas, e grandes Cidades.

Os seus troncos não differem dos choupos, e de todas as outras arvores fortes, e resistem á agua mais que todas; donde se segue, que servem a todo o genero de obras da terra, e mar: e alguns naturalistas escrevem, que a sua casca serve para fazer cordas, e para huma fabrica de panos grosseiros.

A natureza pródiga na criação dos bichos da seda, que haviaõ de servir ao ornato do Mundo, izentou esta arvore de toda a forte de animaes imundos, e venenosos, que comem as folhas, e os frutos de todas as outras arvores; porque nenhum se vio já mais nas Amoreiras: este attributo, e este privilegio da natureza he a propriedade especifica desta nobre planta.

He esta arvore taõ fertil na producção de seus ramos, que quem tem copia de Amoreiras, tem lenha

em

em grande abundancia para o fogo, sem incómodar as arvores.

A riqueza de suas folhas he tal, que duas arvores de justa grandeza bastaõ para o sustento de meia onça de grãos de bichos, os quaes criando-se mediocrementemente, produzem seis, ou sete arrateis de seda, que de ordinario se vende por tres mil reis o arratel.

As suas folhas saõ o melhor alimento, que a terra produz para o gado, e o seu fruto o melhor, que se conhece para cevar galinhas, frangos, capoës, e toda a sorte de aves.

C A P I T U L O II.

Varios modos de plantar as Amoreiras brancas, e pretas.

HA' quatro modos de plantar, e criar esta util arvore.

Primeiro, por semente tirada das amoras.

Segundo, por mergulho dos ramos,

mos, que sahem ao pé da arvore,
junto á terra.

Terceiro, por estacas, e ramos
cortados, e plantados em outro lu-
gar.

Quarto, por enxerto de Amo-
reiras brancas em pretas, ou quaes-
quer outras arvores proprias para
sofrer o enxerto.

Quanto ao primeiro modo, he
conveniente que seja em lugar fe-
chado, defendido, e abrigado dos
ventos frios, e em terra cavada,
movidá, e esterçada com esterco miu-
do, e depois lançar-lhe a semente na
altura de hum dedo, de sorte, que
os graõs sejaõ bem cobertos.

O mesmo effeito produzem as
amoras inteiras, postas huma nou-
te de molho em agua clara; e não
se meta, ou junto, ou entre as se-
mentes alguma outra planta.

Se a terra he humida, não he
necessario regallas, porque cria hu-
ma côdea, que inpede que a planta
fa-

faya ; e por conservar a humidade da terra , he bom cobrir o lugar aonde está a semente , com palha , ou junco ; e semeando-se na Primavera , convem defender o lugar de pardaes , ou outras quaesquer aves.

Há duas fazoões proprias para esta cultura por semente.

Primeira , Abril , e Mayo.

Segunda , Julho , e Agosto.

E em Portugal se póde anticipar de hum mês a primeira.

A fazaõ da Primavera he a melhor ; em huma e outra fazaõ , se he possivel , se deve escolher no quarto crescente da Lua , hum dia claro , e sereno : meter-se-haõ as sementes em distancia de quatro pés de huma á outra , e depois de pegadas , em dias quentes se podem , e devem regar com instrumentos de arame , q̃ tenhaõ os buracos miudos.

Nas terras frias há outras cautelas contra geadas , e neves , que entre nós são inúteis.

CAPITULO III.

Modo de transplantar as Amoreiras nascidas por semente.

DEpois de plantadas as amoras (como fica dito) he necessario mover, e trabalhar a terra, pelo menos tres vezes cada anno, nos mezes de Abril, Junho, e Agosto, quando a terra esteja humida, ou pela chuva, ou pelo orvalho, mas de forte, que este trabalho da terra não toque as raizes. Quando for necessario, se regaráõ sómente, porque a demaziada agua não faça apodrecer as raizes.

Nos mezes de Março, e Abril seguintes, he necessario podar, e cortar com hum instrumento muito fino os ramos, que os troncos lançarem; o que se continuará todos os annos, cortando-se tambem o tronco no mais alto meio palmo sómente, e quando for crescendo, se

lhe

lhe deixarão ao mais tres ramos.

E como com este cuidado, e beneficio chegarem á altura de seis pés, e á grossura de hum braço, se transplantarão nos lugares aonde se quizerem pôr; advertindo, que se se houverem de transplantar em campo descoberto, e exposto a todo o genero de animaes, será conveniente deixar crescer as arvores a oito pés de alto.

Isto mesmo se observará com as arvores, que vierem de Provincias distantes, e lugares estrangeiros: se vierem pequenas, se meterão em lugares cerrados, e defendidos, com distancias proporcionadas; e se terá o mesmo cuidado de as cultivar.

E se vierem da grandeza de seis, ou oito pés, as transplantarão logo (como fica dito) fazendo, se poder ser, que cheguem nos mezes de Setembro, Outubro, e Novembro, q̃ he o tempo em que humas, e outras se devem transplantar, ou ao

menos nas Luas novas de Março, e Abril.

Quando se transplantarem, se abrirão cavas á proporção das arvores mais na superficie, que no fundo da terra; mas he conveniente, q̃ as cavas sejaõ mais altas, porque a agoa da chuva que nellas entrar, fará pegar mais fortemente as raizes; e se lançarão nas cavas hervas arrancadas do campo, que vindo a apodrecer, lhe servem de esterco, mas estas hervas não tenhaõ raizes; e quaesquer outras immundicias são proprias para o mesmo effeito.

Será necessario regallas no mesmo tempo que se metem na terra, e nos mezes seguintes de Julho, e Agosto, paraque peguem bem, e cercar o tronco da arvore de alguns páos, e espinhos da altura de hum pé, para as defender nos primeiros mezes, e se moverá, e trabalhará a terra nos primeiros annos.

A má, e a boa terra he igualmente

mente fructifera para estas arvores, mas a seca, e ligeira mais propria para a bondade da folha, aindaque na humida, nos valles, e junto a ribeiras são maiores as arvores, e crescem mais facilmente; e nisto tem as Amoreiras a natureza das vinhas, junto das quaes vem com perfeição, sem serem damnozas ás vinhas.

Os lugares mais expostos ao Sol são os melhores. Em toda a parte onde se pozerem, se lhe dará distancia de humas a outras, de duas, ou tres braças ao menos; porque naturalmente esta Arvore he muito copada, e o tronco muito grosso; mas ainda que se ponhão mais juntas, não deixaõ de crescer da mesma sorte.

C A P I T U L O IV.

Modo de plantar as Amoreiras por mergulho.

A Vara, ou ramo da Amoreira, que estiver mais perto da terra, e se poder melhor dobrar, se me-

meterá na terra o mais distante da arvore que poder ser, sem se arrancar da arvore, nem quebrar, de forte, que não possa receber a substancia della, fazendo sahir á superficie da terra hum, ou dous botões do mesmo ramo, que poderão produzir outros ramos no anno seguinte; e junto do lugar onde se deixarem de fóra, se meterá huma estaca, a qual dentro da terra se atara ao ramo com hum junco molhado: he necessario regar esta planta, como fica dito das sementes, até que lance raizes.

Esta sorte de planta por mergulho, se fará no Outono, no ultimo quarto da Lua, ou na Primavera, a tempo que a arvore comece a mostrar, que quer florecer.

No anno seguinte, quando se entender, que o ramo mergulhado tem lançado raizes, se cortará da arvore, e se deixará no mesmo lugar, ou se passará a outro, para depois se transplantar, cultivada como

fica dito, até seis, ou oito pés de alto; e se se deixar ficar no lugar do mergulho, se cortará sempre o ramo do tronco da arvore no segundo anno, porque de outra sorte tirará a si a substancia da arvore, e a enfraquecerá.

CAPITULO V.

Modo de plantar as Amoreiras por estaca.

AS Amoreiras nascem com a mesma facilidade por estaca, que por semente, e mergulho.

Quando a Amoreira quizer florescer, se cortará hum ramo, que desse já dous annos flor, e fruto, e que haja ao menos oito annos, que tenha sahido da arvore; e sendo possivel seja torto, e tenha duas pontas na parte por onde se cortar, para que metido na terra, o ramo laya direito, e o pé entre torto, e possa formar duas raizes.

Estes

Estes ramos se meterão na terra em regos, como se plantaõ as vinhas, hum pouco profundos, naõ deixando fóra da terra mais que dois, ou tres botões do ramo.

He conveniente fender, e abrir a ponta deste ramo, que entra na terra, de tres, ou quatro polegadas, e meter entre as fendas alguns grãos de trigo, ou cevada; porque vindo a humedecer-se, conservarão fresco o tronco, e o faraõ pegar mais facilmente: convem regallos quando for necessario, até se entender, que tem raizes, e crescendo, he necessario podallos, e cultivallos como fica dito, e a diante se dirá.

C A P I T U L O VI.

Modo de plantar as Amoreiras por enxerto.

A Onde ha Amoreiras pretas, este he o mais facil meio de haver as brancas, enxertando nelas

las garfos das brancas; e aonde faltaõ, se podem enxertar em quaesquer outras arvores.

Os modos dos enxertos são os communs, que se tem com as outras arvores: o tempo mais proprio he na Primavera; mas todo o tempo, que serve para os enxertos das outras arvores, serve ás Amoreiras.

He necessario escolher o garfo das arvores mais velhas, e daquellas que dão a mais formosa, e a melhor folha, escolhendo os garfos mais novos, e que estão na arvore mais expostos ao meio dia, e mais nas extremidades da arvore, que no meio, e que tenhaõ a folha muito verde, redonda, e não manchada.

C A P I T U L O VII.

Como se devem entreter as Amoreiras.

T Odas as precauções necessarias para tirar das Amoreiras hum proveito annual, e ter grandes

des e fermozas arvores, he de as alimpar todos os annos das branchas, e ramos mal formados, e secos, cortar, e podar os ramos, que se separaõ muito das arvores, e desiguaes aos outros, a fim de fazer a arvore copada, e mais facil de colher a folha.

No primeiro anno, q̃ as arvores feraõ transplantadas ao lugar, aonde haõ de ficar, se devem cortar todos os ramos, e branchas, deixando só cinco, ou seis, os melhor situados, na arvore.

No anno seguinte, destes cinco ramos se deixaraõ só tres os melhores, e em situaçãõ triangular, e igual, a fim que a producçãõ da arvore seja igual, e formada só de tres branchas principaes.

He bom cortar na extremidade do tronco principal, entre as tres branchas, tudo o que estiver seco, e as branchas que se cortarem, se forem grossas, a dous, e tres pés de lon-

longo da arvore, e tronco principal, a fim de que vindo a secar, não se communique á arvore; e se cortarão de alto abaixo, por dar queda á agua da chuva, que não penetre o interior; e se as branchas cortadas tiverem no anno seguinte muitos ramos, se cortarão, sem deixar a cada huma mais que dous, ou tres na fórma, que se terá feito ás branchas.

Se depois de dous annos, as folhas, que as novas arvores produzirem, sahirem manchadas, e de pouca substancia, será bom cortar as extremidades dos ramos, e meter nelles enxertos de bons garfos, e quanto mais garfos lhe enxertarem, será melhor; mas este enxerto he mais util que necessario.

Ha huma especie de Amoreiras, como terceiras, entre brancas, e negras, a qual tem a folha mais larga, que a das outras, differente em cor, mais tenra, e de melhor
gof-

gosto aos bichos. As amoras são de hum pardo escuro, maiores que todas as outras.

As folhas destas Amoreiras são mais naturaes aos bichos, mas não a comem com tanto appetite, como as folhas das Amoreiras brácas. Com tudo he conveniente ter algumas arvores desta terceira especie, para a dar aos bichos na ultima muda; porque o muito que comem da outra folha, lhe faz algumas vezes damno.

Alem de que a experiencia tem mostrado, que fazem a feda mais forte. Estas Amoreiras se chamaõ communmente de Hespanha, posto que a planta he natural de Sicilia.

Onde ha copia de Amoreiras, e mais folhas do que he necessario para o alimento dos bichos, he conveniente deixar de colher a folha de algumas arvores, ou colher de todas com moderação; porque, ainda que o colher a folha, não trata mal as arvores, no anno seguinte as folhas são de

de melhor substancia, e vem em maior abundancia.

He conveniente deixar as arvores que tem melhor, e mais grossa a folha, e o fruto maior, e em grande quantidade, para dar aos bichos nos ultimos dias, por duas razoens.

Primeira, porque sendo as folhas melhores, e mais substanciaes, se devê guardar para a ultima muda dos bichos, quando estaõ mais perto de formar a feda.

Segunda, porq̃ tendo as Amoreiras quantidade de amoras, e naõ lhe tirando logo a folha, chega o fruto a toda a perfeiçaõ, e serve para semente de arvores, e para cevar as aves; e muitas vezes succede, que algumas arvores carregaõ tanto de fruto, que he inutil colher as folhas, por serem muito pequenas.

Como succede, que alguns annos os bichos sahem, e se animaõ primeiro que as arvores tenhaõ folha capaz para o seu sustento, se póde
com

com industria apressar a folha metendo esterco miudo dentro da raiz das arvores, e á roda do pé, na Lua nova de Fevereiro, e regando-as com agua morna em hum dia bom, e de Sol.

Das arvores novas, e (se poder ser) tambem das velhas se deve colher a folha, com tal ordem, que se não quebrem os ramos grandes, e dos pequenos se não devem cortar os que estaõ na extremidade da vara, ou ramo grande.

Os mais curiozos da cultura das arvores, fazem cortar as folhas pelo pé, com huma thezoura, por salvar os ramos, e põem lançoës ao pé das arvores, para que caya sobre elles.

Mas quẽ tem muita criaçaõ de bichos, não póde guardar esta regra, pela muita folha de que necessita. Mas sempre he necessario guardar o que fica dito sobre os ramos, pondo cuidado em não quebrar os grandes, e se se quebraõ, convem cortal-
los

los por baixo, donde são fendidos.

Quando a folha de toda a arvore he colhida, deve visitar-se a arvore, e cortar tudo o que nella há de ramos secos, e podar todos os ramos, que se separarem muito da arvore.

Quem quizer cortar as arvores, ou por velhas, ou por lhe parecer que necessitaõ deste beneficio, o não deve fazer pelo tronco, mas pelos ramos; porque pelo tronco, he totalmente renovalla, e perder a folha por alguns annos, porque nem he boa para os bichos os primeiros tres, ou quatro annos da arvore nova, nem se póde tirar sem damno da arvore.

O melhor modo de cortar para as melhorar, e o que se uza em Sicilia, he mandar subir á arvore hum homem com huma fouce de pé longo, e cortar os ramos mais distantes, até onde póde alcançar, no mez de Março, em hum bom dia da Lua

nova ; ou por não perder a folha daquelle anno , nos mezes de Mayo, e Junho , ao mesmo tempo que a folha se vai colhendo.

Os homens praticos na Agricultura fazem isto mesmo , não só ás Amoreiras , q̃ he a arvore mais util, mas a toda a sorte de arvores de fruto.

Se se cortarem os ramos com folha , convem cortar-lha logo , porque separada dos ramos , se póde guardar dous dias, e conservada nelles , se perde em poucas horas ; e se não quizerem separalla dos ramos , se conservará metendo os ramos em vasos de agua.

Naõ convem colher as folhas quando chove , nem logo depois de chover , porque tem mostrado a experiencia , que colhidas , ou cortadas com agua , he de grande prejuizo ás arvores.

Por evitar este inconveniente , convem ter folha de resto em tempo

po chuveiro, ou que promete chuva, e guardalla em lugares frescos, mas não tão húmidos, que se humedeça a folha; porque húmida he dãnosa aos bichos; e quando está húmida, he remedio dar-lhe ar, e movêlla.

Em fim as Amoreiras, como todas as outras arvores, amaõ estar em terra lavrada, cavada, e esterçada; e he util fazer-lhe este beneficio de tempos em tempos. Guardando-se esta regra na agricultura desta rica planta, se tirará hum proveito inestimavel, e se criarãõ boas arvores, que durarãõ seculos, como experimentamos nas que se plantarãõ em França, no Delfinado, Languedoc, Provença, e outras Provincias, por ordem de Henrique IV., que hoje se conservaõ perfeitas com grande utilidade dos proprietarios, os quaes tirãõ de tres modos o intereresse dellas.

Primeiro, criando os bichos, e tirando a seda.

Segundo, alugando as arvores, ou vendendo a folha, fogeitando-se quem as aluga ao dãno consideravel, que por descuido, ou malicia se fizer nellas.

Terceiro, dando a folha, e caza para a criaçaõ dos bichos, e outra pessoa dando os grãos, e tomando o cuidado de os criar, e sustentar até formarem os cazulos, e se da, cuja quantidade se separa, ficando a ametade para o senhor da caza, e arvores, e outra para quem deu os grãos, e criou os bichos.

C A P I T U L O VIII.

Modo de recolher a semente das arvores para as semear.

AS Amoreiras brancas produzem de ordinario grãde quantidade de amoras, particularmente as brancas, cujas amoras saõ pardas escuras, ou pretas.

As amoras de que se houver de

tirar a semente, se devem colher maduras, e de arvores, de que se não colhesse folha; porque o fruto das Amoreiras de que se colheo a folha, não chega a inteira perfeição, como fica dito.

Todas as amoras de Amoreira branca, que tem semente (porque nem todas a tem) são boas; mas as amoras pretas de Amoreiras brancas são as melhores.

As amoras de que se houver de guardar a semente, se devem colher na forma seguinte.

Estender-se-há hum lançol de pouco valor ao pé da arvore (digo de pouco valor, porque as nodoas das amoras são difficeis de tirar); e abanar-se-há a Amoreira sobre elle, o que baste para que cayaõ as amoras maduras.

He conveniente q̃ sejaõ colhidas sobre hum lançol, porque cahindo no chaõ, se enchem de terra, e arêa, de que depois se não distingue a semente.

Colhidas do lançol, se passarão a hum taboleiro, ou se porão sobre huma meza estendidas, e em caza alta, e de sobrado, onde se deixarão cinco, ou seis dias para amadurecerem bem, movendo-as todos os dias para evitar a podridão.

Passados os seis dias, se meterão em hum faco molhado, ou em huma peneira muito fina, e molhada, e se espremerão, e amassarão bem com as mãos para separar as sementes das amoras; e depois se tomará tudo o que fica no fundo do faco, ou na peneira, e se lançará em hum alguidar cheio de agua clara, no qual em breve espaço se distinguirá a semente, porque desce ao fundo da agua, e tudo o mais que fica das amoras está nadando em cima.

Depois de colhida a semente, se estenderá sobre huma toalha de linho, e se porá huma hora sómente ao sol, e logo depois de passada

A hora, se limpará de todo o pó q̄ tiver, e se guardará para se semear na sizaõ, e fórma que fica dito no Capitulo II., onde tambem se dice, que basta semear as amoras, que tenham semente, colhidas por abano, e postas a amadurecer o tempo necessario.

Quem quizer escuzar este trabalho, póde mandar vir de Sicilia, e outros lugares de Italia as sementes, aindaque ordinariamente não são boas, por duas razoes, ou por muito velhas, ou por serem colhidas sem cuidado de amoras podres.

Mas he facil de conhecer, e separar a boa da má semente, metendo-a em hum vaso de agua: e a que depois de tres horas cahir no fundo do vaso, he a boa, mas a que ficar em cima, se lançará fóra, como inutil.

Tudo o que fica dito das amoras de Amoreiras brancas, se póde obrar com as amoras pretas, que se comem comumente.

De todas estas quatro fortes se criarão Amoreiras em grande quantidade em tempo breve, sem trabalho, nem consideravel despeza.

Para concluzão desta primeira parte, em que tratei do modo de plantar as Amoreiras, advirto, que a cultura destas arvores he, e foi sempre a mais geral, nobre, e util occupaço dos homens.

Os antigos a começaraõ, e com ella se divertiraõ no dezerto os Anacoretas, como os mais Religiozos no principio de suas instituções.

Das obras de S. Jeronymo colhemos, que entretinha nesta occupaço os ocios dos estudos, e a encomendava a hum de seus discipulos, paraque os frutos de que se sustentava, fossem merecidos pelo seu trabalho.

Todos os que seguirem este louvavel costume, e esta nobre occupaço, tiraraõ della tres grandes vantagens.

Primeira, a satisfação que terão de plantar as arvores, de as ver crescer, e de colher os frutos dellas, q̃ nos faõ mais saborozos quando sahem, como obras das nossas mãos.

Segunda, o interesse, e proveito que rezulta deste trabalho, porque he certo, e consta pela experiencia, q̃ em dous campos de igual grandeza, e bondade, hum plantado de todas as arvores de que se póde tirar fruto, e proveito, e outro só de Amoreiras, o custo de cultivar estas he menor ametade, e o proveito he quatro vezes maior.

Terceira, porque a cultivação destas arvores he util, não só a quem as plantou, mas a hum numero taõ grande de pelloas, como saõ as que obraõ, e trabalhaõ nas fedas, desde a criação dos bichos, até a tenda do Mercador.

E os vindouros viviráõ agradecidos ao nosso trabalho, com a mesma

ma razaõ, e justiça, comque nós vemos ao seu.

Comumente se desprezaõ no Mundo as plantas, e se descuidaõ os homens da cultura dellas, pela desconfiança que tem de lhe colher os frutos.

Deste erro, que justamente deve ser condemnado de todos, nos liyra a consideraçãõ do que devemos a nossos avós, que, se tiveraõ, e seguirãõ aquella opiniaõ, naõ lográramos hoje o que elles com o seu trabalho, e com a sua cultura nos deixaraõ. Somos obrigados todos a cuidar na posteridade, os pays pelo que devem aos filhos, e todos pelo que devem á sociedade civil, e á terra em que nascerãõ.

Por quantos trabalhos passaraõ os antigos Portuguezes no descobrimento de tantas Ilhas, terras, e Reynos, de que hoje lograõ seus successores os frutos, e as riquezas!

Mais para nós, que para si, cul-
ti-

tivaraõ os primeiros descobridores as terras que possuimos; e assim como nós abençoamos os seus trabalhos, e agradecemos o seu cuidado, assim os que vierem depois de nós, teraõ muito que nos agradecer em lhe deixarmos huma utilidade certa na terra em que vivemos.

Digamos finalmente os louvores, e encomios, q̃ daõ os Authores a esta rica planta, a que chamaõ symbolo da prudencia; porque produz a folha, depois que passaõ as inclemencias do Inverno, e no mesmo tempo que os bichos (a cujo sustento a natureza a criou) começaõ a se animar, e sem produzir flor, produz mais fecunda que as outras folha, e fruto.

A sua duraçaõ he taõ grande, que se lhe naõ sabe termo em Italia; e em algumas Provincias de França ha Amoreiras taõ antigas, que se perdeu a memoria do tempo em que foraõ plantadas.

Os

Os que escrevem as excellencias desta arvore, e dos bichos da seda, affirmão, que vieraõ das Provincias Orientaes, em algumas das quaes, os bichos formaõ a seda nas campanhas, sem cuidado, e ajuda dos homens; porque naquellas partes favorece o Ceo esta criação com taõ singular providencia, que não chove no tempo, em que os bichos fazem nas arvores a seda.

Estes mesmos Authores escrevem, que ha cento e dez annos, que foraõ trazidos á Grecia, e Italia; e na Provincia de Provença em França, como mais vizinha de Italia, ha mais de cem annos, q̃ se introduzio o uzo de criar os bichos; e as arvores, que se plantaraõ naquelle tempo, estaõ agora com toda a sua força, e vigor, e saõ as mais formozas, as mais lucrativas, e as menos sogeitas ao rigor dos tempos.

P A R T E II.

CONTEM O MODO DE CRIAR OS BICHOS,
atè tirar a seda.

C A P I T U L O I.

Do lugar proprio para criar os bichos.

P Ara fazer huma copiosa criação de bichos da seda, se deve preparar hum lugar cómodo, em que se alimentem sete semanas que tem de vida, ao menos nos ultimos trinta dias, porque nos primeiros, se podem criar em lugares mais estreitos, e em quaesquer camaras, a que não fazem nenhum genero de damno, como não sejaõ sótãos, ou lugares humidos, mas em camaras claras, e livres do vento.

Convem, q̃ as camaras, se for possível, tenhaõ janellas humas de frente das outras, e algumas ao me-
io

io dia, paraque nos dias calmozos entre o ar livremente; mas tambem que tenhaõ vidraças, ou encerados, paraque nos dias tempestuozos, e frios estejaõ abrigados.

He necessario, que naõ haja nenhum mau cheiro, e he preciso cerrar todos os buracos de ratos, e impedir, que naõ entrem na camara galinhas, frangos, ou pardaes.

Na camara destinada a esta criaçaõ, se armarão junto das paredes parteleiros da altura, que se quizer, segundo a criaçaõ, que se faz, e nelles se meterão taboleiros, divididos huns dos outros meio palmo, e huns sobre outros em distancia de hum covado, e pelo meio da caza se pódem tãbem armar deixando espaço entre huns, e outros, capaz de poder andar livremente a pessoa, que tiver cuidado delles, e para poder meter escadas, para subir aos taboleiros mais altos a meter-lhe folhas.

Os

Os taboleiros tenham as bordas altas, para impedir, que os bichos não cayaõ; e para maior prevenção, he conveniente que os taboleiros debaixo sejaõ maiores, que os primeiros, paraque vindo a cahir os bichos do taboleiro alto, fiquem no baixo, e se não percaõ.

Os parteleiros, sobre que se haõ de armar os taboleiros, em altura de quinze pés, que podem ter seis ordens de taboleiros.

As pessoas que costumaaõ fazer esta criaçaõ todos os annos, fazem por huma só vez a despeza destes parteleiros.

He bom pôr sobre elles papeis, assim para a conservaçaõ, e limpeza delles, como para a facilidade, que com elles se tem em mudar os bichos, quando he necessario: muitos escuzaaõ esta despeza, a qual não he consideravel; e toda a casta de papel serve a este effeito.

As pessoas pobres, a que falta

ta a commodidade de caza separada, de parteleiros, fazem a criação sobre a mesma caza, como seja de taboado, dentro de arcas, cestos, alcofas, ou sobre taboas postas de parede a parede, sem outro cuidado mais, que de os guardar de todos os bichos, e passaros, que os comem.

A frequente entrada da gente nas cazas, o fogo, o fumo não lhe fazem damno; o que lhe faz damno, he o grande estrondo de sinos, a vizinhança de officios mecanicos, como Ferradores, Ferreiros, e outros semelhantes, que lhe cauzaõ o mesmo damno, que os trovoens: pelo que será conveniente de os apartar, o mais que poder ser, destes estrondos; supposto, que sendo nascidos entre elles, lhe não fazem damno.

CAPITULO II.

*Regras para conhecer, e escolher os
melhores grãos, e fazer sabir
os bichos.*

OS melhores grãos, são os que
vem de Sicilia, do Levante,
e de Hespanha; são pequenos, par-
dos escuros, e muito redondos: e
para conhecer se são mortos, ou fal-
sificados, se quebrará hum entre as
unhas; e se lançar bem de humor
luzente, he final de bondade.

Os grãos de Piemonte não são
tão bons, como os de Hespanha.

Os de Bolonha são iguaes na
bondade, pelo cuidado, que naquel-
la Cidade se põe em os tirar, co-
mo ordinario trato della.

Os de Messina são os que ma-
is se estimaõ em Europa.

Em conhecer os grãos ha al-
guma difficuldade, porque a semen-
te das borboletas, que se não jun-
tá-

táraõ com os machos, tem a mesma cor, o mesmo pezo, e quebrada, lança a mesma humidade, e não tem serviço algum; como tambem a semente feita de borboletas, sahidas de casulos pequenos, cuja se-
da não tem a bondade ordinaria.

Para evitar estes inconvenientes, he preciso valer-se de correspondencias fieis nos lugares aonde se compraõ.

Os primeiros a enganar, e ser enganados, são os que fazem trato desta mercancia, porque compraõ quantidades grandes; o mais seguro he, quando se encontraõ novidades boas de bichos, ter cuidado de guardar as sementes na fórma que se dirá no fim deste Tratado.

Não he necessario guardar senão a quantidade, que se póde criar; para huma onça de grãos basta-
raõ duas, ou tres Amoreiras grandes, ou cinco, ou seis pequenas.

Postoque os grãos dos bichos
da

da seda se animaõ de si mesmo, logo que o calor da Primavera os aqueça, he conveniente cobrillos, por duas razoens.

Primeira, por anticipar a criaõ às calmas de Junho, e antes que as amoras sejaõ maduras, porque a folha he mais difficil de colher, e as amoras lhe communicã demaziada humidade.

A segunda he, porque os bichos sayã a hum mesmo tempo, o que he mais facil com calor artificial.

Para evitar este inconveniente, costumaõ em algumas partes, depois de os benzer nas Igrejas, metellos em bom vinho por espaço de meio quarto de hora, e depois lançallos sobre hum linho branco, e pollos a enxugar ao Sol, se naõ for muito ardente, e ao fogo em distancia proporcionada: o tempo conveniente, he a Lua nova de Abril; mas nas terras quentes, aonde a folha se anticipa, a regra principal he

I

quan-

quando as Amoreiras tiverem folhas capazes de se colherem.

Depois que os grãos estiverem fecos, se meterão em huma caixa bem cerrada, e limpa, com algodão pelas extremidades, e em que só caiba a quantidade dos grãos, que se quizerem cobrir; e se porá a caixa abrigada, e aonde haja fogo, se for em terra, e tempo frio, e nella se meterá a caixa em hum cobertor de papa, ou de pano; e estando desta forte dous, ou tres dias, se verá que os bichos começam a se animar, e mover sobre o algodão; o que visto se meterá sobre a boceta huma folha de papel branco com buracos, por onde possaõ caber os bichos, e sobre ella folhas de Amoreiras, até que os bichos subaõ, e se peguem nas folhas.

Tanto que as folhas estiverem cobertas dos bichos, que naturalmente sobem, e se pegaõ nellas, se tirarão com as folhas, e se passaráo

rão aos taboleiros, aonde se ha de continuar a criação delles.

Esta prevenção de fogo, e vinho, se escusa nas terras quentes, aonde basta a das caixas cobertas em casas abrigadas.

C A P I T U L O III.

Das mudas dos bichos, e como convem tratallos no tempo dellas.

OS bichos mudaõ quatro vezes desde o nascimento até formarem os casulos; em cada huma destas mudas dormem o espaço de tres, ou quatro dias, e saõ como immoveis, ou doentes, e naõ comem até mudar as pelles, o que se conhece quando parecem mais brancos, e mais curtos do que eraõ.

Depois que mudaõ, comem oito dias, até tornar a segunda muda, e assim até a quarta, em que chegaõ a toda a sua grandeza, que he a grossura como de huma penna

de pato, e o comprimento de duas polegadas.

Acabadas as mudas, não ha regra que guardar, para os mudar de cama, ou lhe dar de comer, porque huma e outra cousa se deve fazer sempre que tiverem necessidade.

A ordem, he passallos dos taboleiros em que estaõ, a outros taboleiros não muito juntos huns dos outros, e dar-lhes a comer folhas frescas e limpas de todo o pó, colhidas ao Sol, paraque não te-thaõ orvalho, metendo sempre folhas nos lugares vazios, e junto aos bichos, por evitar, que se não juntem huns com os outros, o que não he danoso nos primeiros dias.

O modo de os mudar dos taboleiros, he com as folhas em que estaõ pegados, hum quarto de hora depois que estaõ pegados nel-las, e no mesmo tempo meter folhas frescas no lugar donde os tiraõ, para os bichos que ficaõ; porque
es-

estas mudanças se fazem para lhe dar mais espaço, quando crescem.

Os mais curiozos tem agulhas grossas de prata, ou lataõ, para os ir mudando em quanto ha perigo de os mudar com os dedos.

Tres ou quatro dias depois de animados, convem mudallos, e que a caza naõ esteja exposta a ventos frios; e nas terras frias se fazem secar os taboleiros ao fogo, para lhe tirar a humidade, e depois de cinco, ou seis dias, os tornaõ a mudar.

Quando os bichos saõ grandes, naõ ha perigo de os mudar, e tocar com os dedos, nem de os expor, e costumar ao ar, em bons dias.

As pessoas que naõ tem tempo, e commodidade de mudar os bichos de lugar, e os sepãrar antes que se mudem, he necessario separallos, e mudallos nas mudas, e observar com cuidado quando sahem dellas, para os hir separando, e

e dar-lhe de comer logo, porque sahem com appetite, duas vezes no dia, quando sahem da primeira muda; quando da segunda, o mesmo; tres vezes no dia se lhe dará de comer, quando sahem da terceira muda, e quando da quarta, todas as vezes que se virem as folhas pela maior parte comidas, porque lhe he danoso estarem espaço consideravel sem comer, quando estaõ chegados ao tempo de subir; e para este tempo lhe guardaráõ as Amoreiras melhores, que tenhaõ as folhas mais fortes, porque lhe faz fazer a seda mais forte.

Deve observar-se, que algumas Amoreiras antes do S. Joaõ produzem segunda ordem de folhas, que saõ muito tenras, e humidas; e naõ convem dar destas aos bichos, porque a demaziada substancia que lhes daõ os faz entorpecer, estando chegados a subir.

A melhor prevençaõ contra este dá-

dão , he começallos a criar com abundancia de boa folha , porque farrão a seda em seis semanas , ou quarenta e cinco dias.

C A P I T U L O IV.

Modo de colher , e conservar as folhas das Amoreiras.

AS folhas das Amoreiras se devem colher depois do sol secar o orvalho , ou a agua da chuva em tempo chuvoso ; porque aos bichos da seda , nenhuma couza lhe faz maior dano , que folhas molhadas do orvalho , ou da chuva.

A folha guardada doze , ou quinze horas , e até dous dias , he melhor para os bichos , doque se lhe der logo , depois de tirada da arvore , e recém colhida ; e se não houver outra folha que lhe dar , mais que a que se colher em tempo de chuva , melhor he fazêllos jejuar , que dar-lhe folha molhada , e he preci-

zo esperar que se seque, e para este effeito poraõ a folha entre dous lançoës, ou entre dous panos de linho, depois de secos ao lume, e os sacudirão para fazer correr a agua das folhas, que tambem por este modo se secaráõ mais de pressa com o vento que tomaõ nesta agitação; e depois de sacudidas, as estenderão sobre camas, ou panos, paraque acabem de se secar de todo.

Q. lo se vê que o tempo ameaça chuva, convem fazer huma boa provizaõ de folha para dous, ou tres dias, que he o tempo, que se póde guardar, se estiver em lugar fresco, em que corra o ar; e he preciso movêlla muitas vezes no dia, porque as folhas amontoadas humas sobre as outras, se esquentão, e ficaõ humidas, e molhadas, como as que se colhem com orvalho, ou chuva; e porque esta sua humidade faz muito mal aos bichos, não podem servir senão depois de enxutas: entre

tre tanto, se os bichos necessitarem de folha, se lhe revolverão as camas, e elles acharão que roer nas folhas, que tem debaixo de si.

A folha das arvores situadas em lugares humidos, e sombrios, aonde não chegam os rayos do Sol, faz mal aos bichos, como tambem as folhas amarellas, ou manchadas de pardo escuro, como lentilhas; e não são menos dânozos aos bichos os renovos, que brotam do tronco da Amoreira, ou dos ramos mais grossos do mesmo anno.

Convem, que os que colhem a folha, tenham as mãos limpas, que não cheirem a cebôllas, nem alhos; que antes de a ir colher não tomem tabaco de fumo; e que não quebrem os ramos, quando a colhem.

Não colherão as folhas ás mãos chêas, mas folha por folha, se for possível, porque assim convem para as Amoreiras, e para os bichos; para as Amoreiras, porque não se arran-

rancarão os renovos do anno; e para os bichos, porque as folhas se colherão inteiras, e não tomarão o máo fabor dos ramos, com que se roção quando se apanhaõ com violencia.

Em concluzão, porão as folhas em facos, ou em cestos muito limpos, e não as apertaráõ muito, porque apertadas se quebraõ facilmente, e em menos de meia hora se esquentão, e ficaõ molhadas, como se foraõ tomadas da arvore em tempo de chuva, ou com orvalho.

C A P I T U L O V.

Das doenças dos bichos da seda, e dos remedios, que se lbe pôdem applicar.

OS bichos estaõ fogueitos a dous generos de doenças, humas naturaes, e outras accidentaes. As naturaes são as quatro mudas, que fazem até o tempo em que começaõ a
fa-

fazer a feda; em cada muda deixaõ a pelle, estaõ tres, ou quatro dias sem comer, ficaõ sem movimento, e como adormecidos, e se apartaõ huns dos outros quanto podem; e estas mudas, aindaque naturaes, faõ cauza de alguma quebra nos bichos.

As suas doenças accidentaes faõ cauzadas do rigor dos tempos, da má qualidade da folha, da pouco fadia situaçaõ do lugar em q se criaõ, do máo trato que se lhe dá, e do máo cheiro, que os offende.

Em quanto ao rigor do tempo, a calma lhe faz mais mal, q o frio.

Quando se levanta algum vento frio, e dezabrido, convem ter a caza bem fechada, e no meio della alguns fogareiros com brazas acezas, e naõ carvoës, e cerrar todas as portas, e janellas por onde póde entrar o vento.

Ao excessõ da calma se remediará com abrir todas as portas, e janellas, para os refrescar, e com
lhe

lhe mudar muitas vezes as camas, porque lhe cauzaõ muito calor.

Se talvez deixarem de comer, ou se as folhas que lhe deraõ de hum pasto a outro não forem comidas, não se lhe deve dar outras, e bom será mudallos do taboleiro, ou parteleiros em que estaõ, e dar-lhe novas folhas, e não lhe pôr outras, até que fejaõ bem comidas.

E se não estiverem em estado, q̃ se possa bolir nelles, como quando estaõ na muda, em que não comem por adormecidos, ou doentes, pouca folha se lhe deve dar, ou nenhuma, até que acabem de tirar a que se lhe deu; e bom he deixallos neste estado, sem lhe fazer movimento algum, até que elles mesmos acordem do lethargo, e madorna em q̃ estaõ.

Se os bichos não medrarem, se muitos delles morrerem, bom será mudar-lhe as camas, e perfumar os parteleiros: e se ouver lugar, me-
lhor

lhor será mudallos para outra casa, e com particular cuidado ir sempre apartando os doentes, dar-lhe a melhor folha, mas pouca, e mais a miúdo do que se costumava, para os despertar, e não lhe dar folha, se não tiverem comido a que tem de baixo de si, perfumallos com incenso, beijoim, e outros cheiros, eervas cheirozas do campo, ou com o fumo de toucinho magro, prezuntos, e chouriços fritos, ou postos sobre as brazas.

Tambem os perfumarão pondo no lume hum ferro, e hum calhão, e apagando-o com vinho, ou vinagre, ou malvazia. Estes fumos, e vapores despertaõ, alegraõ, e faraõ os bichos.

Por esta mesma razãõ bom será borrifar algumas vezes a caza, em q os bichos estiverem, as paredes, e os taboleiros com vinho, ou vinagre, e esfregar tudo com hervas, e folhas de arvores de bom cheiro,

como funcho, alecrim, louro, e outras semelhantes, principalmente se estiverem doentes, e se morrerem muitos; porque de outra sorte estes cheiros seriaõ inuteis, e poderiaõ prejudicar por serem fortes.

O bafo dos que tiverem comido alhos, cebollas, ou pórros, ou dos que mastigaõ, e tomaõ tabaco de fumo, he danozo aos bichos, quando estaõ saõs, e muito mais quando estaõ doentes; e porisso estes taes naõ os tocarãõ, nem bolirãõ com as folhas, nem quem andar com sal.

As môças, e mulheres que andarem com suas menstruas purgações, naõ bolirãõ nos bichos, nem entrarãõ nas cazas em que estiverem, em quanto lhe durar este achaque, porque isto os mata.

He necessario, que nas cazas em que esta criação se fizer, haja muita quietação, e que seja em parte aonde naõ se ouçaõ de perto ti-

ros de armas de fogo, nem sons de sinos, tambores, ou trombetas; e sobre tudo não se dem pancadas grandes na caza aonde estiverem, deixando cahir alguma couza de pezo, arrastrando bofetes, e cadeiras, ou outras couzas que abalaõ os sobrados; porque qualquer destes estrondos lhe cauza doenças nas mudas.

Em quanto os bichos começarem a fiar, e tecer a sua seda, e formar o seu cazulo, não fação bolir os estrados, ou parteleiros em que estiverem, por ser este o tempo da força do seu trabalho, em que começãõ a encolher o corpo, e as pernas; e qualquer movimento, que lhe ocasionarem, lhe faz quebrar o fio da seda comque tecem o cazulo, e depois andaõ buscando o fio, e em quanto o não achaõ, passa o tempo de tecer, e se reduzem á figura de huma fava, e a maior parte rebentaõ nos cazulos, que depo-

is

is ficaõ molles , e não daõ a feda , que haviaõ de dar , se não inquietaraõ os bichos.

Das grandes chuvas com trovoës que sobrem , quando os bichos saõ crecidos , se lhe origina a maior parte das doenças , das quaes os poderá livrar o cuidado que se terá delles.

As chuvas só lhe saõ dãnofas , pela grande humidade que lhes cauza , ou pela difficuldade de ter boa folha.

Esta humidade se póde remediar com fogareiros de brazas acezas , e não de carvoës , como fica declarado , e as folhas se poderãõ secar na forma que tenho dito.

Pelo que toca aos trovoës , em algum modo se póde evitar o dãnõ que fazem aos bichos , perfumando-os com o cheiro de talhadas de prezunto , ou chouriços fritos , ou postos sobre as brazas , e fazendo entrar na caza em que se criaõ muitas

tas pessoas, que fação algum leve rumor; e poderão revolver os bichos em quanto durarem os trovoês; isto os alivia muito, e o estrondo dos trovoês não os apanha com tão grande sobressalto.

Sinaes das doenças, são quando se fazem amarellos, quando inchão, quando são luzidãos, ou quando tem nódoas, como de pizaduras, e quando se achão molhados por baixo com humidade amarella; e he necessario separar os doentes dos saões, e logo lançar fóra os que se acharem com esta humidade: a estes bichos chama o vulgo Porcas; tem as pernas mui inchadas, e negras nas extremidades, e as nódoas do corpo avultaão mais, e são diferentes das dos outros bichos; e hum dia, ou dous, antes que este humor delles destille, são muito molles da barriga, e das pernas: e supposto q se lhe póde dar algum alivio, apartando-os dos mais, antes que a in-

K

cha-

chação seja grande, e uzando dos remedios acima declarados, porque assim escapariaõ alguns; mais acertado he deitallos ás galinhas, do que gastar o tempo em os curar, borrifando-os, e passando-os pelo vinagre, ou por outras aguas que os Authores apontaõ: e em todo o caso, he absolutamente preciso separallos dos saõs, antes que a agua que destillaõ, lhe saya da barriga, para que os mais se não molhem, e que as folhas, a que a agua chegar, não tomem o mau gosto daquella humidade, que he todo o mal, que póde fazer aos bichos, por quanto esta enfermidade não se communica, porque não he contagioza.

Tambem se devem pôr de parte, os que de ordinario andaõ pelas bordas dos taboleiros, ainda que não estejaõ em termos de fazer muda, porque apenas podem chegar á quarta muda sem rebentarem, por grande cuidado que se tenha delles; e a
cau-

cauza porque chegaõ a viver tanto, he o muito ar, que tomaõ, andando pelas extremidades dos taboleiros.

Eu para mim entendo, que a doença dos bichos he incuravel, e para elles serem de algum proveito, os deitaráõ ás galinhas; e para supprir a falta destes bichos inúteis, he forçoso prevenir-se com alguma semente mais, para que a criação se faça com a dezejada quantidade: meya onça de mais, em dezoito, ou vinte onças bastará.

Os que nunca criaraõ bichos, se poderáõ facilmente enganar, imaginando, que alguns bichos que naturalmente são pardos, e escuros, tem a mesma doença que os a que chamaõ Porcas; mas esta casta de bichos he a melhor de todas, e ha muitos delles nos grãos, que vem de Hespanha.

Quando perfumarem os bichos, tomaraõ ientido, que entre os perfumes não haja certas hervas, sementes,

tes, e cascas, que fazem hum cheiro muito dânozo aos bichos, como faz o fumo de couros queimados, de sedas de porco, cabellos, e pellos de outros animaes; porque tudo isto para os bichos he poçonha.

Passo em silencio muitas outras coufas venenozas para os bichos, para não dar noticias de hum mal, que os mal intencionados poderão fazer em damno dos que fazem esta criação; porque he tão grande a malicia de alguns, que de proposito vão borrifar de noite as folhas nas mesmas Amoreiras, com certas aguas, que empoçonhentaõ os bichos: e vem a ser esta malicia tão refinada como a dos que vendem as sementes affadas no forno, ou lavadas com agua fervente, com a qual misturaõ alguma boa, para que se entenda, que se não sahe toda a luz, he falta dos que fazem a criação, e não dos que vendem a semente.

Isto pratica a gente de hum
 Rey-

Reyno para outro; e isto muitas vezes se experimentou na semente, que se mandou para França, só a fim de que naquelle Reyno não houvesse abundancia de sedas, e forçosamente se servissem das das outras naçoens.

Por isso ensinarei no seguinte Capitulo o modo, com que neste Reino poderá haver daqui em diante tão boa semente, como nos Reinos estrangeiros; para que possamos escuzar a sua, e juntamente as sedas, que nos vem de fóre.

C A P I T U L O VI.

Segredo para fazer nascer muitos bichos da seda sem semente, que darão excellentes grãos com abundancia.

NAs terras, em que não ha semente alguma dos bichos da seda, suprirá a arte esta falta com huma prodigioza methamorphosi, de
que

que fallaõ muitos Authores, e que de ordinario se experimenta em muitas partes do Oriente.

No tempo da Primavera, quinze dias depois de começar a sahir a folha das Amoreiras, tomaráõ humma vaca prenhe, e antes d'ella parir, vinte dias arreo a sustentaráõ com folhas de Moreiras, não lhe dando herua, nem feno, nem algum outro genero de alimento, nem taõ-pouco lhe daraõ de beber; e depois de nascida a vitella, continuaráõ outros oito dias em dar á vaca folhas de Amoreira.

Depois disto, mataráõ a vitella no tempo em que estiver farta do leite da mãi, e a cortaráõ em pedacos, até as patas dos pés, e das mãos, que deitaráõ fóra, e não tiraráõ nada das mais partes do corpo, mas ajuntaráõ tudo, a carne, o fangue, os ossos, a pelle, e as tripas em humma gamella de páo, e a poráõ no mais alto sobrado da caza, para que

que se não sinta o fedor.

Toda esta mistura de carnes, ossos, e sangue se corremperá, e desta corrupção nasceráõ huns bichinhos, que se recolheráõ com folhas de Amoreira, em que naturalmente se pegaõ; e passados aos taboleiros, se criaráõ na mesma fórma q̃os outros, até fazerem os seus casulos, dos quaes sahiráõ borboletas, que ajuntando-se, poráõ grãos muito melhores, que os dos outros bichos.

Mas porque esta semente perde com o tempo a sua virtude, he opiniaõ de alguns, que só póde servir oito, ou dés annos, no cabo dos quaes será preciso renovar esta mesma producçaõ, ou transformaçaõ com o sangue, carne, e ossos da vitella, como fica declarado,

CAPITULO VII.

Modo para fazer subir, e tecer os bichos da seda.

O Fazer a seda, he taõ natural aos bichos, que apenas sahem da femente, quando começãõ a deitar do estomago hum fiozinho de seda; e se bem repararmos, veremos as casquinhas da femente pegadas huma com outra, com humas sedinhas quasi imperceptiveis, e as folhas que se deixaõ sobre a femente, e o papel furado, para obrigar os bichos a sahir, tamhem ficaõ pegadas pela techedura dos raminhos da seda, que os bichos deixáraõ.

Por onde consta, que em quanto vivem, sempre tem este fio de seda aparelhado para se pegarem, quando querem; porque ainda que depois de subidos, se deixem cahir, sempre lhe fica a ponta da seda na boca, para tornarem a pegar, assim

como fazem as aranhas.

De maneira, que tanto que chegar o tempo destinado para os bichos fazerem a seda, elles mesmos em achando lugar proporcionado para se agazalharem, começaráõ a fazer o seu casulo, sem arte alguma, ou industria dos que tem cuidado de os criar.

Pouco mais, ou menos de doze dias depois da quarta muda, se achão em estado de dar principio á sua obra; o que se póde facilmente conhecer por estes sinaes.

Primeiro: O corpo se lhe faz mais claro, e quasi transparente como hum alambre, como se verá, tomando-os na mão, e pondo-os á luz do Sol de dia, ou ao lume da candeia de noite.

Segundo: Os circulos que tem á roda do corpo, passaõ de hum cor verde a hum cor de ouro, em que se representa a seda, que elles tem no estomago.

Ter-

Terceiro: O bico da boca se lhe faz mais agudo.

Quarto: Andaõ de huma parte a outra por meio dos outros, sem se lhe dar de comer, e levantando a cabecinha, daõ mostras de querer ir á lenha, fiar a sua feda.

Primeiro que os bichos cheguem a esta madureza, e perfeiçaõ, he preciso ter nos parteleiros as cazinhas, ou cabanas armadas, com ramos dobrados a modo de arco, os quaes seraõ de giesta, ou louro, vide, medronho, vime, féto, ou de outras plantas, ou hervas, que naõ tenhaõ humidade alguma, nem espinhos que possaõ offender os bichos quando sobem, ou quando cahem.

Em cada cazinha poraõ a quantidade dos bichos, que parecer conforme á capacidade do lugar, e os estenderaõ sobre folhas de papel muito limpas, no plano da mesma cazinha.

Desde entaõ começaraõ a lhe dar

dar pouco de comer, mas boas folhas, e muitas vezes de dia, e de noite, e já não terão mais o cuidado de os alimpar, nem de os mudar.

Mas só lhe abrirão as portas, e janellas nos dias de calma para os refrescar; e se se levantar algum vento frio, e dazabrido, as tornarão a fechar para os defender das asperezas do tempo.

Tres dias depois que os bichos tiverem principiado o seu casullo, se a maior parte delles estiver trabalhando na lenha, e se ficarem muito poucos no chão da cazinha, tomarão estes poucos, e guardando-se de abalar as cazinhas, os tirarão juntamente com suas camas, e com o papei, deixando as taboas limpas, e os porão em outra cazinha vazia sobre outro papel novo, e limpo, e lhe darão outras folhas frescas como d'antes.

Esta limpeza das cazinhas tres, ou quatro dias depois de subir a
maior

maior parte dos bichos, he muito necessaria; porque a folha, que continuamente se põe para sustento dos que ficão em baixo, faz as camas maiores, e o máo cheiro, que dellas sahe, offende os bichos.

Além de que sempre arreben-taõ alguns nas camas, cuja podridaõ exhala vapores mui dânosos aos bichos, principalmente naquelle tempo em que necessitaõ de ar fresco, e livre de corrupçaõ.

Em quanto aos bichos preguiçosos, que tardem em subir, depois de passados a outra cabana, se lhe diminuirá o comer pelo espaço de finco, ou seis dias, e quando se encolherem, e se fizerem vermelhos, os poráõ em papeliços para os ajudar a fiar.

E se não houve tempo, ou se não tiverem paciencia para fazer a quantidade de papeliços, que basta, os poráõ todos sobre hum montaõ de cavacos de vime, ou de outros
pe-

pedacinhos, e fragmentos da lenha, de que se compuzeraõ as cabanas, advertindo, que naõ serve guardar os casulos desta casta de bichos, para fazer semente, porque os que della sahirem, teraõ a mesma falta, e quasi todos seraõ curtos, e pequenos.

C A P Í T U L O VIII.

Do tempo, em que os casulos se haõ de tirar da lenha.

NO primeiro dias, que o bicho começa a fiar, fórma a sua anaiaia, que he como huma tea de aranha, no segundo começa o seu casulo, e se cobre quasi todo de seda; no terceiro naõ se vé já, e nos seguintes vai espessando a sua obra, sem nunca quebrar o fio, que he taõ delgado, e juntamente taõ comprido, que naõ he hyperbole dizer, que com hum destes fios se póde cingir huma grande Cidade, porque tem quasi duas leguas de comprimento.

Sup-

Supposto isto, depois de oito, ou dês dias, tirarão com destreza os casulos da lenha, e os guardarão em cestos, ou alcofas; darão algum tempo mais aos vagarosos, mas também não esperarão, que os que foram mais diligentes na tecidura do seu casulo, o cheguem a furar, porque seria huma grande perda para os que os criaram

P A R T E III.

C A P I T U L O I.

Como devem àparelhar os casulos, para delles tirar a seda, e conservallos muito tempo, e impedir, que as borboletas não os furem.

SE os que criaraõ os bichos, por falta de fiandeiras, ou pela grande abundancia da novidade, não tiverem tempo, nem commodo para tirar a seda dos casulos, quatro ou cinco dias depois que os casulos forem tirados dos ramos, poraõ os casulos ao Sol, desde o meio dia até ás quatro horas da tarde, tornando-os o tirar tres dias, sempre nas mesmas horas, e por este modo os ardores do Sol affogaráõ aos bichos nos seus casulos.

Tam-

Tambem poderáo pôr em parte separada dos casulos algumas mantas ao maior calor, do Sol, quatro, ou cinco horas ao menos, e estas mesmas mantas, e cobertores muito quentes, recolheráo os casulos, e os cubriráo, porque com este calor abafadiço, os bichos morreráo mais depressa.

Depois disto, os casulos se poderáo guardar muito tempo, e ouve quem os guardou mais de cinco annos, ficando a feda taõ boa, como a que fora tirada quinze dias, depois de acabada a criaçaõ, verdade he, que naõ parece taõ lustroza nas meadas, mas depois de tinta, e aparelhada, tem a mesma bondade, e perfeiçaõ, que a outra, porque no casulo o bicho transformado em fava, se seca, e se mirra de maneira, que naõ tem, nem toma mais humidade alguma, com que possa fazer dâno á feda.

Em tempo pois chuvozo, ou
cheio

cheio de nevoas, se fará com o calor do forno, o que se havia de fazer com o calor do Sol.

Poraõ os casulos em cestos, alcosas, ou facos velhos, dentro de hum forno mediõcremente quente, como quando se tira o paõ depois de cozido : e se quatro, ou cinco horas de Sol eraõ precizas para fazer morrer os bichos, para este mesmo effeito bastará hum quarto de hora do calor do forno muito bem tapado; e chegando os ouvidos á boca do forno, ouviráõ estalar os bichos, e ranger nos seus casulos, como formigas lançadas em cinzas quentes: e logo immediatamente tiraráõ os casulos do forno, e os envolveráõ em cobertores muito quentes, e este calor os acabará de matar a todos; porque se ficarem os casulos ao ar descobertos, muitos dos bichos tornarãõ a viver, e furaráõ os casulos.

Depois disto, estenderáõ os casulos sobre taboas ao ar, ou ao Sol,

para os secar, e endurecer, porque alguns delles ficaõ fofos, em razão da humidade, que lhe communicaraõ os bichos, que estalando dentro delles por força do calor, deixaõ ir de si huma agua, ou humor, com que fica embebida a seda; e assim postos ao Sol, ou ao ar, os revolveraõ muitas vezes cada dia, para que tornem a recuperar a sua primeira tezidaõ.

Primeiro que metaõ os casulos no forno, tirarãõ o barbilho, que está á roda delles com os dedos, sem lhe chegar com as unhas; e para preservar os casulos mais altos do calor do forno, que os poderia torrar, porãõ hum pano de linho, ou folhas de papel sobre os cestos, ou alcofas, e naõ amontoarãõ os casulos em quantidade, nem os apertarãõ nos cestos, paraque todos igualmente fin-taõ os effeitos do calor, que he preciso para a extincção dos bichos.

CAPITULO II.

*Como se devem escolher os casulos,
e unir as borboletas, para que po-
nhaõ a semente.*

E Scolheráõ os casulos mais te-
zos, e mais córados, porque as
borboletas, que delles sahem, poem
a melhor semente; naõ importa de
que cor sejaõ os casulos, com tan-
to que a cor seja viva, e subida;
porém os de cor de verde-mar saõ
melhores.

Para fazer huma onça de semen-
te, ha mister cem pares de casulos,
cem casulos de borboletas machos,
e outros cem de borboletas femeas.

Quando apartarem os casulos
para a semente, advertiráõ, que em
cada casulo o bicho se mova, solto,
e desfapegado; o que conheceráõ fa-
cudido brandamente o casulo, jun-
to dos ouvidos; porque se o bicho
naõ subir, será final, que está podre,

e pegado á seda, e neste estado não serve para o nosso intento.

Os casulos dos machos não tem a seda tão liza, como a das fêmeas; são compridinhos, e agudos por ambas as extremidades do ovado.

Os casulos das fêmeas tem a seda mais liza, e são mais redondos por huma parte, que por outra, como hum ovo de gallinha, e a maior parte são rombos por ambas as partes.

Por estes sinaes differenciarão os casulos huns dos outros, e porão de parte os dos machos, e das fêmeas em igual quantidade; e se acontecer, que saiaõ mais fêmeas que machos, não será tão grande a perda como se succedêra o contrario, porque huma borboleta macho, póde servir para duas borboletas fêmeas; supposto que não será tão boa a semente, como a do que só se unir com huma.

Enfiarão todos os casulos com
huma

humã agulha, e não furaráõ de todo a seda, mas só a superficie della, e faráõ como contas, ou coroas de cem casulos cada humã, e as pendurarãõ, sem bolir mais nellas, esperando que os bichos saiaõ transformados em borboletas.

As femeas feraõ muito mais alvas que os machos, e terãõ o ventre tres vezes maior.

Os machos se daraõ a conhecer logo em rompendo do casulo, porque baterãõ as azas com muita pressa, e esperteza, o que as femeas não fazem.

Tomaráõ as borboletas pelas azas, ou pelo corpo com os dedos com delicadeza, sem as apertar, e as porãõ sobre folhas de papel, ou sobre estamenhas velhas, e outros panos, que não tem pêllo; e talvez será necessario chegar as borboletas humas ás outras, e como as virem unidas, as deixarãõ assim desde a manhãa até a noite; depois apartaráõ os machos,

chos, e os deitarão, e as femeas porão a semente.

Esta uniaõ das borboletas ha de durar nove, ou dez horas, quer de dia, quer de noite, e não mais, porque a demaziada dilação desta uniaõ, prejudicaria á perfeição, e multiplicação da semente.

Faraõ muita diligencia, por não fazer arrebentar os grãos, quando os tirarem do pano, ou papel, em que as borboletas os lançáraõ; e para os tirar, não se valerão de ferros, ou outros instrumentos, que cortaõ, mas só usarão de alguns pedacinhos de ouro, ou prata adelgaçados, e sem talho; e se os vintens delRey D. Manoel foraõ hum pouco maiores, seriaõ muito bons para este effeito.

Quando os grãos sahem da borboleta, são brancos, no mesmo dia se fazem como verdes, e depois vermelhos, e pouco a pouco vão tomando huma cor de pardo escuro, que sempre consevaõ; e esta ultima

cor

cor he o final da mais perfeita semente; alguns grãos se achão, que sempre ficão brancos, e estes não prestaõ para nada.

De ordinario cada borboleta femea lança trezentos grãos, humas lançaõ mais, e outras menos, porque muitas não podem lançar todos os que tem dentro de si, e com elles morrem.

Guardarão os grãos de todo o genero de bichos, ratos, formigas, grillos, e os teraõ em lugares, a que não possaõ chegar gallinhas, nem aves, porque saõ mais golozas dos grãos dos bichos da seda, do que dos mesmos bichos vivos.

Poraõ os grãos dentro de huma arca, ou contador, em caixas bem fechadas, e envolvidas em panos de lãa, ou linho, que não tenhaõ humidade alguma; e as teraõ em lugares isentos dos rigores do calor, e do frio.

Por esta razãõ não os guarda-

darão junto das chaminés, em que de ordinario se acende o lume, nem junto das janellas expostas ás inclemencias dos ares, nem em outros lugares frios, e humidos, mas temperados; porque o calor faz nascer os bichos antes do tempo, o frio congela os grãos, e a humidade os corrompe.

Com estas precauçoens nascerão os bichos a seu tempo, e se conservarão os grãos de anno em anno, serão mais copiozas as novidades, e se perpetuará em huma caza esta rica semente.

Mas he preciso renovar a semente de tres em tres annos, misturando-a com outros grãos vindos de fóra, ou com os que se colherem de huma vitella morta, na fórma que fica declarado no Capitulo VI. da II. Parte; porque a semente renovada torna a cobrar a virtude, e actividade, que se lhe vai diminuindo com o tempo, que tudo gasta, e tudo acaba.

CAPITULO III.

Da fórma do forno, dobadoura, e outros instrumentos para tirar a seda.

EM tirar a seda do casulo, e passalla a meadas com huma roda, ou dobadoura, em hum tacho de agoa quente, ja são as camponezas rusticas de Tras os Montes tão peritas, que facilmente podem ensinar esta arte ás mais Provincias do Reyno.

Mas porque semelhantes exercicios melhor se aprendem com a vista, e experiencia, do que com a lição, e discurso, tratarei com brevidade esta materia, apontando só alguns particulares, para aliviar o trabalho, e apurar a industria das fiandeiras.

O forno se ha de fazer em lugar abrigado da chuva, e do vento, e o tacho não ha de ser muito profundo, nem muito largo.

A portinha por onde se ha de pôr a lenha no forno, se fará dez polegadas mais abaixo do fundo do tacho, e afastada delle hum palmo, para que o fumo se perca, e se consuma no forno ao redor do fundo do tacho.

Os casulos se porão na agoa hum pouco antes que comece a ferver, porque na agoa fria, a goma dos casulos se dissolve, e o mesmo succede, quando está fervendo.

Ajuntará a fiandeira dez, ou doze fios, conforme a seda houver de ser fina, ou forte: para a fitaria, a seda deve ser muito delgada, e oito fios bastaõ; mas para os panos, e veludos, se devem ajuntar doze fios ao menos.

Fiará com a maior presteza, que for possível, porque quanto menos estaõ os casulos na agoa, sahe a seda com maior lustre, e em maior quantidade.

CAPITULO ULTIMO.

Do barbilho, e do modo de o aparelhar.

O Barbilho, propriamente falando, he aquella primeira seda, a que chamaõ anafaya, que os bichos fiaõ primeiro, que comecem a tecer o seu casulo.

Porém debaixo desta palavra barbilho se entende toda a seda, que se tira com os dedos do redor dos casulos, quando se daõ a fiar, e juntamente todos os casulos furados pelos bichos, e todos os desperdiços da seda, que a fiandeira não pôde inteiramente tirar.

Este genero de seda não pôde ser fiado em meadas na dobadoura, mas he precizo cardallo, e depois tirallo na roda, ou na roca; e para este effeito farão primeiro o que se segue.

Ajuntaráõ todas estas reliquias, e sobejos da seda, tirarão della

la os bichos que acharem, e alimparáõ de toda a immundicia, e depois a meteráõ em molho em agua clara, dentro de hum alguidar, ou em qualquer outro vazõ de barro, ou cobre, pelo espaço de tres, ou quatro dias, cada dia mudaráõ a agoa para que naõ se corrompa, e que o barbilho se faça mais alvo.

Nesta agoa os casulos se faráõ mais molles, e se diffolverá a goma, que os bichos communicáraõ aos casulos, quando os tecêraõ.

Depois poráõ tudo junto a ferver dentro de huma caldeira, em barrella, clara, passada por hum pano, e purgada das cinzas com que foi feita.

Ferveráõ os casulos meia hora, e depois de desfeita a goma, que os faz taõ tezos, como pergaminho, os lavaráõ com agoa clara, e as mulheres os fiaráõ com o fuso, ou com a roda, mas primeiro os faráõ cardar, para os fiar com mais facilidade.

Com

Com este fio de barbilho muito delgadamente fiado, se podem tecer panos taõ finos, como os que se fazem com a seda tirada na dobadoura; outros fazem d'elle retroz para cozer, dando-lhe o lustre.

Finalmente para concluzaõ desta obra, digamos que nos bichos da seda tudo he milagroso, em quanto vivem, e tudo o que delles fica, depois de mortos, aproveita.



ADDITAMENTOS

A O

OPUSCULO,

INTITULADO

INSTRUCC,AM SOBRE A CULTURA das Amoreiras, e criação dos bichos da seda.

I.

P Ara em poucos annos tirar da cultura das Amoreiras proveito digno da despeza, e trabalho do Agricultor, he necessario, que plante muitas no mesmo tempo. Duas, ou tres mil bastaráõ para com este grande numero ter no prin-

principio folha sufficiente para huma criaçãõ de bichos da seda, capaz de compensar os primeiros gastos della, e dar animo a seu dono para continuar. Tambem todos os annos bom será accrescentar o moral de algumas cem plantas, para ir suprindo a falta das que se forem secando, e juntamente dar lugar a que humas descansem, em quanto servem as outras. Esta advertencia he para Senhores de terras. Quantas Amoreiras se poderiaõ plantar em huma coutada dos Duques de Aveiro, da qual dizem, que tem algumas quinze legoas de extensaõ em mato? Não fora elle muito mais rendozo do que he, se fora todo mato de Amoreiras? Quanto se aproveitariaõ os Povos circunvizinhos, se lhes dessem a fiar, dobar, e tecer a seda, que cada anno poderia fahir dos bichos, que na dita terra se criassem! e se quizessem mato para a caça, não bastaria

ria tomar dez legoas para este effeito, e deixar as outras cinco para a feda? Não sei como em Portugal se resfriou o zelo da cultura das Amoreiras. Ha mais de quatrocentos annos, que Prelados Portuguezes encommendavaõ aos seus Diocesanos a cultura desta planta. Na Historia Ecclesiastica de Braga, cap. 25. num. 4. diz o Author della D. Rodrigo da Cunha, fallando no Arcebispo de Braga Dom Sylvestre Godinho: (Entrado o Janeiro da era de 1271. de Christo 1233.) Estando o Arcebispo em Chaves, deu foral aos moradores do Couto de Ervededo; e onde lhe assigna as propriedades de q̄ lhe haviaõ de pagar foro, faz muito caso das Amoreiras, e manda, que por nenhuma via se venda a sua folha para fóra do Couto, e que do sirgo, que se criar, lhe pagarão a sua parte em casulos.

II.

Da terra humida, gorda, ou barrenta, nunca saheia folha taõ perfeita, nem para os bichos taõ saboroza, como a que em arneiros, e terras delgadas se cria. Supposto isto, bom he, que se plantem as Amoreiras longe das fontes, terras apaúladas, e pantanozas; porque a folha que dellas nascer, ferá mais grossa, e para o noffo gado menos goftoza.

III.

Para ter em pouco espaço de terra grãde numero de Amoreiras, ferá necessario fazer arvoredos dellas, dispondo-as em carreiras, com distancia huma da outra de quatro, ou cinco toezas, cada huma de seis pés, que chamaõ regios, cada pé de doze polegadas, para todas larga, e livremente receberem o calor do Sol, a ventilação do ar, as influencias do Ceo, e naõ se misturarem debaixo do chaõ as raizes de huma planta contraria;

M

cia,

cia, que por estas mesmas razões se deve observar nas Amoreiras, que se plantarem circularmente nas bordas, ou limites dos campos, ou (segundo outra nova invenção) dispondo em terras de paõ as Amoreiras, e que distem de duas em duas toezas, e em meio, formando com cada duas fileiras, ou carreiras huma rua, e deixando entre humas, e outras grandes vãos quadrados, ou redondos, cada hum de huma geira de terra, para os pães medra-rem, e não serem pizados dos colhedores da folha.

IV.

A seda toma em si a qualidade da folha, da qual procede. Da folha das Amoreiras brancas sahe huma folha leve, e fraca, mas não por isso menos-prezada, nem menos apta para todo o genero de obras, que se fazem com seda de folhas negras, as quaes tambem, ainda que grossas, não deixaõ por isso de ter boa ser-

ferventia em obras fomenos ; das quaes , sem embargo de seré mais baratas , que as finas , pela quantidade dellás bastante lucro se tira. Para a prova pois de que a seda procedida das folhas de Amoreiras brancas he melhor que a das Amoreiras negras , basta saber, que as galinhas , e os porcos são mais golozos da primeira , que da segunda ; e nunca se pegaõ a esta , senão quando aquella lhes falta. Porém neste particular variaõ as opinioens ; e querem alguns , que seja melhor a folha das Amoreiras brancas, que daõ amoras pretas.

V.

Menos padece a Amoreira quando se tosquia, do que quando por outros modos se desfolha. Em algumas partes de Castella tiraõ a folha com tizouras de Alfaiate, cortando muitos pés juntamente, e deixando-as cahir sobre lançois estendidos no chaõ debaixo da arvore. Por este mo-

do, o gasto he mais moderado. Leva-se a folha em direitura ao gado, sem ter o trabalho de a escolher. Tambem por este modo não se cortão as cimas dos ramos, nem os gomos, ou abrolhos, pasto nocivo ao temperamento dos bichos. Estas cautelas ajudaõ muito a manter o vigor da planta, que chegando a degenerar, de anno em anno vai dando folha peior; e de má folha não póde fahir feda boa. A qualquer arvore faz damno despilla de sua folha, e assim; bom seria não desfolhar as Amoreiras fenaõ alternadamente, hum anno sim, outro anno não, e a imitação do lavrador, que alqueida a terra, e a deixa descansar, para tirar mais paõ della.

VI.

Tem a experiencia mostrado, que as Amoreiras velhas, quero dizer, de sete para oito annos, antes de começarem a descair, fenivelmente daõ folha muito melhor, do que